



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

BEATRIZ SIQUEIRA NUNES

**NOS CAMINHOS DAS ÁGUAS DA EDUCAÇÃO
POPULAR FEMINISTA: UMA AÇÃO EDUCACIONAL
EM COTIJUBA, BELÉM (PA)**



**Belém-Pará
2024**

BEATRIZ SIQUEIRA NUNES

**NOS CAMINHOS DAS ÁGUAS DA EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA: UMA
AÇÃO EDUCACIONAL EM COTIJUBA, BELÉM (PA)**

Dissertação apresentada como requisito final
para obtenção de título de mestra em educação
pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. João Colares da Mota Neto.

**Belém-Pará
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) de acordo com o ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado do Pará

N972n Nunes, Beatriz Siqueira

Nos caminhos das águas da educação popular feminista: uma ação educacional em Cotijuba, Belém (PA) / Beatriz Siqueira Nunes. — Belém, 2024. 93f.

Orientador: Prof. Dr. João Colares da Mota Neto

Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Campus I - Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), 2024.

1. Educação popular feminista . 2. Colonialidade de gênero. 3. Feminismo decolonial. 4. Feminismo na Amazônia. I. Título.

CDD 22.ed. 370.115

Elaborada por Priscila Melo CRB2/134

BEATRIZ SIQUEIRA NUNES

**NOS CAMINHOS DAS ÁGUAS DA EDUCAÇÃO POPULAR
FEMINISTA: UMA AÇÃO EDUCACIONAL EM COTIJUBA,
BELÉM (PA)**

Dissertação apresentada como requisito final
para obtenção de título de mestra em educação
pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. João Colares da Mota Neto.

Data da aprovação: 11 de outubro de 2024.

Banca Examinadora

_____ - Orientador

Prof. Dr. João Colares da Mota Neto
Doutor em Educação
Universidade do Estado do Pará

_____ - Examinadora (Interna)

Prof. Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo
Doutora em Educação
Universidade do Estado do Pará

_____ - Examinadora (Externa)

Prof. Dra. Cheron Zanini Moretti
Doutora em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul

À minha avó, que faz morada em meu coração desde quando partiu deste plano.

À minha irmã, à minha mãe e ao meu pai, que me dão forças para seguir caminhando nas andanças da educação e da vida.

À minha filha (minha gatinha) Shitara, que sempre esteve comigo ao longo de meus estudos.

As educandas e as educadoras do Grupo de Pesquisa e Extensão Pará Leitura (UEPA).

AGRADECIMENTOS

As **forças maiores**, que me permitiram ter forças para conseguir enfrentar os desafios desta investigação, bem como me presentearam com momentos incríveis ao longo do meu estudo. Muito obrigada por estarem aqui.

A minha avó **Severina** e ao meu tio **Manoel**, que partiram deste plano, mas que sinto suas presenças em meu coração em todos os momentos que preciso deles. Obrigada pelas suas presenças, mesmo de longe.

À minha irmã **Bianca**, ao meu pai **Francisco** e à minha mãe **Vera**, que sempre me dão forças para que eu possa seguir lutando pelos meus sonhos. Obrigada por tantos anos de amor e cuidado.

À minha filha **Shitara**, à minha sobrinha **Aurora**, aos meus sobrinhos **Joaquim**, **Loirinho**, **Buchudo** e **Pow**. Esses gatinhos foram meu suporte emocional em muitos momentos da escrita. Muito obrigada por me ajudarem nesse processo.

À minha amiga **Fabíola**, que desde o processo seletivo de mestrado me deu forças para seguir resistindo aos desafios acadêmicos, bem como aos desafios da vida, sendo sinônimo de amor e acolhimento. Obrigada pelo seu companheirismo.

À minha amiga **Yandala**, que foi um dos maiores presentes que ganhei com o mestrado, com o seu coração repleto de amor, esperança e acolhimento. Obrigada pela sua amizade, incentivo e por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava.

Ao meu amigo **Jesyan**, que esteve comigo nos momentos mais felizes, mas também nos mais difíceis do mestrado e sempre me incentivou a seguir de cabeça erguida, lutando pelos meus sonhos. Obrigada pelos conselhos, pelo apoio, pelas orientações e por partilhar sonhos comigo.

À minha amiga **Thamy**, que me ajudou a ter forças quando eu pensava que não tinha. Obrigada por tanto amor e acolhimento nos momentos mais desafiadores.

Ao meu orientador, professor **João Colares**, que é uma inspiração para mim, assim como um dos maiores incentivadores deste estudo. Ele sempre me ajudou me dando forças, orientações e apoio nas horas que mais precisei. Obrigada por ser mais que um orientador, obrigada por ser meu amigo.

As **educandas** e as **educadoras** do **Egesex (PL)**, que contribuíram no meu processo de libertação e de autonomia, bem como foram essenciais para o

desenvolvimento deste estudo. Sem vocês, não teria conseguido chegar até aqui. Muito obrigada.

À professora **Izilda**, às minhas amigas **Stéffani**, **Riane**, **Luciana** e aos meus amigos **Leonardo** e **Waldenor**. Obrigada por tanto acolhimento e momentos felizes ao longo da pesquisa de campo e das práticas educacionais do Pará Leitura.

À minha amiga **Shirley**, que me deu apoio ao longo da minha trajetória acadêmica.

Ao meu namorado **Alander**, que me deu apoio e força para seguir construindo a pesquisa na reta final do seu desenvolvimento. Muito obrigada pelo seu amor, companheirismo e carinho.

À professora **Lucélia** e à professora **Cheron**, que são duas inspirações para mim e contribuíram com suas orientações neste estudo. Obrigada pela atenção e pelo carinho com o meu trabalho.

As **professoras** e **professores** do **Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA)**. Suas orientações e aulas foram fundamentais para a minha formação acadêmica, profissional e humana. Muito obrigada a todas/os.

À **Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa)**, que contribuiu com o financiamento deste estudo. Muito obrigada.

À **Universidade do Estado do Pará (UEPA)**, que é minha segunda casa, que me acolhe e que me proporciona tantos conhecimentos. Muito obrigada por tudo.

RESUMO

NUNES, Beatriz. **Nos Caminhos das Águas da Educação Popular Feminista: uma ação educacional em Cotijuba, Belém (PA)** – PA. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará. Belém, 2024.

O presente estudo possui como foco a educação popular feminista no Pará Leitura (UEPA), um grupo de pesquisa e extensão da Universidade do Estado do Pará (UEPA), com ênfase na educação popular no campo. O objetivo geral do estudo é analisar as contribuições da educação popular, na formação feminista de educadoras, que residem no estado do Pará e educandas, moradoras da comunidade do Poção, ilha de Cotijuba, Belém/Pará, participantes do grupo Pará Leitura (UEPA). Em relação aos objetivos específicos, buscamos: compreender o debate da educação popular feminista a partir de algumas das principais teóricas que discutem o assunto na América Latina, no Brasil e na Amazônia; e descrever as repercussões do trabalho do Pará Leitura nas vidas das educadoras e educandas do grupo, no sentido da construção da autonomia e afirmação do direito à educação. Os caminhos metodológicos da pesquisa se deram por meio da abordagem qualitativa e por meio da perspectiva epistemo-metodológica decolonial. O tipo de pesquisa possui como característica central a pesquisa participante. Em relação aos procedimentos, a investigação possibilitou o levantamento bibliográfico de literatura científica acerca dos temas colonialidade de gênero, patriarcado, educação popular feminista, feminismo decolonial e a história do grupo Pará Leitura (UEPA). O segundo procedimento se deu através do levantamento documental de relatórios e trabalhos acerca do Pará Leitura (UEPA), que registram ações de educação popular do grupo. O terceiro procedimento ocorreu por meio da observação participante e o quarto procedimento aconteceu com o uso de entrevistas narrativas e de círculos de cultura. A análise de dados se deu mediante ao que foi vivido, olhado, sentido e escrito, assim como por intermédio da construção de categorias analíticas e categorias temáticas.

Palavras-chaves: Educação Popular Feminista. Colonialidade de Gênero. Feminismo Decolonial. Feminismo na Amazônia.

ABSTRACT

NUNES, Beatriz. **On the Waterways of Feminist Popular Education**: an educational action in Cotijuba, Belém (PA) – PA. Master's Thesis – Postgraduate Program in Education. University of the State of Pará. Belém, 2024.

The present study focuses on feminist popular education in Pará Leitura (UEPA), a research and extension project at the State University of Pará (UEPA), with an emphasis on popular education in the countryside. The general objective of the study is to analyze the contributions of popular education, in the feminist training of educators, who reside in the state of Pará and students, residents of the community of Poção, island of Cotijuba, Belém/Pará, participants of the Pará Leitura Project (UEPA). Regarding specific objectives, the first seeks to understand the debate on feminist popular education based on the main theorists, who discuss the subject in Latin America, Brazil and the Amazon; the second seeks to describe the repercussions of Pará Leitura's work on the lives of the group's teachers, in the sense of building autonomy and affirming the right to education. The methodological paths of the research were carried out through a qualitative approach and through a decolonial epistemological-methodological perspective. The type of research focuses on participatory research. In relation to the procedures, the investigation enabled the bibliographical survey of scientific literature on the themes of gender coloniality, patriarchy, feminist popular education, decolonial feminism and the history of the Pará Leitura project (UEPA). The second procedure was through the documentary survey of reports and works about Pará Leitura (UEPA), which record the group's popular education actions. The third procedure took place through participant observation and the fourth procedure took place using narrative interviews and culture circles. Data analysis took place through what was experienced, looked at, felt and written, as well as through the construction of analytical categories and thematic categories.

Keywords: Feminist Popular Education. Gender Coloniality. Decolonial Feminism. Feminism in the Amazon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 - Ação pedagógica GEPI NEP	13
Fotografia 02 - Ação pedagógica GEPI NEP com a educadora Juanita	14
Fotografia 03 - Ação pedagógica Cursinho Popular Esperançar	15
Fotografia 04 - Educadoras/es NEP	16
Fotografia 05 - Educadoras/es Pará Leitura	59
Fotografia 06 - Educadoras - Ação Pedagógica Egesex	60
Fotografia 07 - Ação Pedagógica Egesex	61
Fotografia 08 - Desenho educanda Eliana	64
Fotografia 09 - Desenho educanda Rosa	66
Fotografia 10 - Ação em parceria com a cruz vermelha	68
Fotografia 11 - Ação em parceria com a cruz vermelha 1	68
Fotografia 12 - Desenho educanda Flor de Liz	69
Fotografia 13 - Nos trilhares da comunidade do Poção	70
Fotografia 14 - Atividade com ênfase no artesanato	72
Fotografia 15 - Produções educandas Egesex	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Temas sobre Educação Popular Feminista e Educação Popular e Feminismo

LISTA DE SIGLAS

ACMONM - Associação do Coletivo de Mulheres Organizadas do Norte de Minas

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transsexuais

AVAO - Associação Voluntariado de Apoio à Oncologia

CLADEM - Comitê Latino-Americano de Defesa dos Direitos das Mulheres

CEEAL - Conselho de Educação Popular de América Latina e Caribe

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COVID-19 – Coronavírus

EJAI - Educação com Jovens, Adultas/os e Idosas/os

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

FHC – Fernando Henrique Cardoso

GATH - Grupo de Estudo e Trabalho em Ambiente Hospitalar

GEPI - Grupo de Educação Popular com Idosas/os

GET - Grupo de Estudo e Trabalho

GTs - Grupo de Estudos e Trabalhos

ILPI - Instituição de Longa Permanência para Idosas/os

LBGTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis, Queer e Intersexo

MMA - Movimento de Mulheres Agricultoras

MMC - Movimento de Mulheres Camponesas

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NEP - Núcleo de Educação Popular Paulo Freire

PLPs - Promotoras Legais Populares

PPG - Programas de Pós-Graduação

PPGED/UEPA - Programa de Pós- Graduação da Universidade do Estado do Pará

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SANAV - Grupo Saúde Alternativa Natureza e Vida

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEPA - Universidade do Estado do Pará

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. Introdução.....	16
1.1. Motivações da pesquisa.....	16
1.2. Contextualização do objeto e problemática de estudo.....	21
1.3. Objetivos.....	27
1.4. Estado do conhecimento.....	27
1.5. Organização da dissertação.....	36
2. É no diálogo, na escuta e na união de vozes e saberes que se constroem os caminharas da pesquisa.....	37
2.1. Método científico e enfoque da pesquisa.....	37
2.2. Abordagem de pesquisa.....	39
2.3. Tipo de pesquisa.....	39
2.3.1. Pesquisa participante.....	40
2.4. Grupo de pesquisa e extensão Pará Leitura	40
2.5. Procedimentos.....	42
2.6. A análise do que foi vivido, olhado, sentido e escrito e as categorias de análise	45
2.7. Cuidados éticos.....	46
3. Se ainda há medo nas histórias de mulheres, haverá resistência e luta coletiva: as tecituras de uma educação popular feminista.....	49
3.1. Uma breve história dos movimentos de educação popular feministas na América Latina, com ênfase no Brasil e na Amazônia paraense.....	50
3.2. A luta e a união feminina são refúgio para aquelas que lidam com o patriarcado diariamente: a educação popular feminista.....	57
4. O Pará Leitura como ferramenta de autonomia e afirmação do direito à educação no Egesex.....	62
4.1. Voltando ao passado para compreender o presente: a história do Egesex.....	63
4.2. No remanso das águas da libertação e da autonomia.....	69
4.3. O Pará Leitura e os trilhares do acesso à educação na comunidade do Poção....	79
5. É preciso ter consciência do inacabado: algumas considerações.....	84

6. Referências.....	87
7. Apêndices.....	93

1. Introdução: tecendo caminhar com amor, e resistência na educação popular e nos feminismos

1.1 Motivações da pesquisa: onde os sonhos e as lutas se iniciam ¹

“Em uma sociedade em que as mulheres passam por diversos processos de opressões, sonhar é preciso! Além dos sonhos, é necessário ter força, autoamor, resistência e trabalho coletivo, para assim garantir a libertação de oprimidas e de oprimidos, que vivem em um mundo repleto de violências, mas que possuem como essência de vida a esperança e a resistência.”²

Durante a minha vida, tive o privilégio de ter como principais cuidadoras mulheres, apesar de em alguns momentos ter tido suporte de meu pai, a quem sou muito grata por tudo e por tê-lo em minha vida, foi minha mãe e minha irmã que sempre me levantaram todas as vezes que eu caí e desde criança entendi que a sociedade infelizmente tende a derrubar as mulheres com mais facilidade do que os homens, sobretudo as mulheres que carregam consigo marcadores sociais, como o de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, se são mulheres ribeirinhas e se são mulheres que possuem alguma deficiência.

Ao longo da minha trajetória de vida, sempre vi minha mãe, uma mulher com descendência indígena, proveniente do interior do Amazonas e periférica, trabalhando como empregada doméstica, e mesmo com todas as dificuldades, se preocupava com os meus estudos. Assim como minha irmã, que também é uma mulher periférica que passou por muitas dificuldades ao longo da sua trajetória de vida, mas sempre foi a maior incentivadora dos meus caminhar na educação.

Quando se é pobre, estudar é sinônimo de lutas e muitos desafios, sobretudo quando se é mulher. Socialmente é imposto que os jovens das classes populares devem sair diretamente da escola para a indústria, mas eu fui contra essa forma de opressão, apesar de muitas pessoas desejarem que eu parasse de estudar. Contudo, tenho consciência que tive muitos privilégios ao longo de minha vida, visto que sou uma mulher branca e jamais terei dimensão de violências como o racismo.

Desse modo, estudar para mim sempre foi uma forma de resistência, desde pequena gosto de ler e escrever. Quando entrei na graduação e no Núcleo de

¹ Neste item será narrada a minha trajetória de vida pessoal, estudantil e acadêmica. Sendo assim, será usado o verbo na primeira pessoa do singular. Em alguns escritos do texto, nos demais capítulos também será utilizada a primeira pessoa do singular.

² (Beatriz Siqueira, 2023).

Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA), pude ter acesso a uma educação crítica e libertadora, que me fez cada vez mais querer estudar e querer estar presente nos movimentos de educação popular.

A partir das reflexões no curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), que ocorreram por meio de aulas e palestras, comecei a me interessar em pesquisas na perspectiva de gênero, com o foco no feminismo. Ademais, é importante destacar o início da educação popular freireana em minha vida, visto que ela foi fundamental para me tornar o ser humano, a educadora e a pesquisadora que sou hoje.

Em 2015 conheci a UEPA, pois comecei a estudar no Cursinho Alternativo³, um cursinho popular gratuito, que foi fundamental para a minha aprovação no PRISE, processo seletivo que possibilitou o meu ingresso na Universidade. As aulas ocorriam no Centro de Ciências e Educação (CCSE) e desde então, me apaixonei pelo campus.

A partir da minha caminhada no cursinho popular, em 2017 fui aprovada no curso de Licenciatura em Pedagogia da UEPA/CCSE e como eu era uma estudante proveniente das classes populares, me inscrevi no processo seletivo de bolsas de incentivo acadêmico do Núcleo de Assistência Estudantil (NAE/UEPA). Felizmente consegui ser bolsista do NAE⁴ e, a partir dessa oportunidade, conheci o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA).

O NEP/UEPA, é uma unidade universitária do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), que realiza práticas de extensão em ambientes escolares e não escolares, na capital e região metropolitana de Belém, assim como em comunidades ribeirinhas e quilombolas do Pará. Ademais, o Núcleo possui como ênfase práticas formativas para educadoras/es populares e desenvolve diversas pesquisas na área da educação popular freireana.

No ano de 2017, iniciei a minha primeira experiência enquanto educadora popular no Grupo de Educação Popular com Idosas/os (GEPI/NEP), que desenvolve ações de educação popular em uma Instituição de Longa Permanência para Idosas/os (ILPI). De acordo com Leal (2017) o Grupo de Estudo e Trabalho (GT) iniciou suas práticas no ano de 2006.

³ O Cursinho Alternativo é um projeto de extensão da Universidade do Estado do Pará (UEPA) realizado pelo Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), Campus I, que se destina a auxiliar estudantes das classes populares com os conteúdos do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

⁴ O Núcleo de Assistência Estudantil (NAE/UEPA) oferece bolsas do Programa de Apoio Socioeconômico do Subprograma Bolsa Incentivo Acadêmico do Núcleo de Assistência Estudantil.

Fotografia 1- Ação pedagógica do GEPI-NEP



Fonte: Nunes (2023).

Na fotografia 1 está o registro das educadoras e das/os educandas/os do GEPI/NEP em uma ação pedagógica do GT.

O objetivo do GEPI é desenvolver atividades na perspectiva da educação popular freireana, respeitando os saberes das/os educandas/os, e as suas diversidades, além de desenvolver uma educação crítica e libertadora. Nas práticas eu aprendi muito mais com as/os educandas/os e as educadoras do que ensinei. Foi no GEPI que a educação popular começou a transformar a minha vida de forma crítica e libertadora.

Em 2018, por meio do NEP, pude conhecer uma educadora popular do intercâmbio, chamada Juanita Mércan Pérez. Atualmente ela realiza trabalho social colombiano e reside em Bogotá, e no período do seu intercâmbio no estado do Pará, pesquisou sobre educação popular com idosas/os no GEPI e desenvolveu muitas atividades de educação popular com mulheres no NEP. A partir de nossas vivências traçamos muitos diálogos, dentre eles em relação as forças das mulheres, visto que elas passam por diversos desafios em suas vivências. Os nossos ricos diálogos me faziam acreditar que um dia poderíamos alcançar um mundo melhor para todas nós. A Juanita encontra-se na foto abaixo. Ela é a última mulher que aparece no retrato à esquerda, está de blusa branca, calça cinza, possui os cabelos cacheados e usa óculos escuros.

Fotografia 2- Ação pedagógica GEPI com a educadora Juanita



Fonte: Nunes (2023).

Particpei do GEPI nos anos de 2017, 2018 e no início de 2019. Em 2020 as atividades do GT não ocorreram, visto que iniciamos o período da pandemia mundial de COVID-19. Assim como todas/os, vivenciei muitas angústias durante a pandemia, mas não deixei a educação popular de lado, pois ela me salvava dos meus medos.

No período pandêmico, o governo federal não suspendeu o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), gerando muitas angústias nas/os estudantes. As/Os estudantes que ficaram mais prejudicadas/os e preocupadas/os foram as/os estudantes das classes populares, visto que elas/es possuíam pouquíssimo suporte para estudar. Dessa forma, alguns projetos surgiram para auxiliar essas/es estudantes de forma remota. Em 2020 entrei no projeto Redação Online. Ele surgiu a partir da iniciativa de uma professora de Redação, chamada Raquel Corrêa, que conheci ao longo da minha graduação na UEPA.

Após alguns meses, o Redação Online passou a ser chamado de Cursinho Popular Esperançar. Ademais, tornou-se um Grupo de Estudo e Trabalho (GT) do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA), sendo institucionalizado por meio do Núcleo. O projeto busca auxiliar estudantes das classes populares com os conteúdos do Enem, assim como busca disponibilizar uma educação crítica e cidadã, pautada nos princípios da educação popular freireana. Em 2020 e 2021 as atividades do cursinho ocorreram de forma remota, por conta do contexto pandêmico que assolava o mundo. No ano de 2022 iniciamos nossas atividades presenciais.

O Esperançar continua realizando as suas atividades. Atualmente as práticas educacionais do grupo ocorrem na UEPA/CCE. Eu integrei o projeto como educadora popular, fazendo parte da coordenação geral e pedagógica do cursinho até o primeiro semestre de 2024.

Fotografia 3- Ação pedagógica Cursinho Popular Esperançar



Fonte: Nunes (2023).

Na fotografia 3 está o registro das educadoras e dos educadores, assim como das/os educandas/os do Cursinho Popular Esperançar em uma confraternização de encerramento das aulas do ano de 2022.

Em 2019 participei como pesquisadora de um estudo em parceria com o NEP, com o tema “Educação Intercultural: aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação” da Rede de Cooperação Científica Intercultural e Internacional (REDE MOVER), coordenada pelo Prof. Dr. Reinaldo Fleuri (UFSC), que tece estudos acerca da educação inclusiva, saberes culturais e da educação intercultural de povos originários. A experiência contribuiu para o meu amadurecimento enquanto pesquisadora, uma vez que a partir desta experiência pude escrever o meu primeiro artigo científico.

No ano de 2020 tive a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) com a pesquisa intitulada “Até Onde As Vozes do Feminismo Chegam na Escola: A Educação Popular como Forma de Emancipação e Libertação do Machismo”⁵. Este estudo foi essencial para que eu pudesse amadurecer epistemologicamente e para que eu conhecesse o universo da pesquisa de forma mais aprofundada. Além de me fazer ter reflexões críticas acerca da nossa sociedade, que ainda apresenta fortemente opressões da colonialidade de gênero.

⁵ Com orientação da professora Dra. Ivanilde Apoluceno de Oliveira.

Além de todas as pesquisas e ações educacionais nas classes populares e das minhas vivências enquanto mulher periférica, as educadoras e educandas do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire me inspiraram para chegar até aqui. No NEP sempre vi mulheres incríveis, mulheres que me ensinaram o que significa o feminismo decolonial, o que significa amorosidade, criticidade e força. No Núcleo existem mulheres quilombolas, ribeirinhas, deficientes, periféricas, negras, brancas, mulheres que são mães, colombianas, brasileiras e mulheres amazônicas paraense.

Fotografia 4- Educadores/as NEP



Nunes (2023).

Na fotografia 4 está o registro das educadoras e dos educadores do NEP em uma confraternização.

A pluralidade de histórias e resistências das mulheres me fizeram chegar até esse estudo. Ademais, as experiências de ensino, pesquisa e extensão foram fundamentais para eu buscar entender as contribuições do grupo Pará Leitura (UEPA) para a educação popular feminista na Amazônia paraense.

O Pará Leitura integrou o NEP no período de 2019 a 2023. Conheci o grupo no Núcleo e me tornei educadora do grupo no ano de 2023. Tendo em vista que ele possui um GT que trabalha especificamente sobre a perspectiva de gênero, com o foco em feminismos, percebi a importância de realizar minha pesquisa no grupo. A presente investigação possuía como ênfase de estudo 3 GTs do NEP. Contudo, tendo em vista a duração de 2 anos do mestrado e a importância do trabalho desenvolvido no Pará Leitura, a partir da educação popular e dos feminismos, escolhi desenvolver a investigação somente no Pará Leitura.

1.2 Contextualização do objeto e problemática do estudo

Os caminhos dos escritos deste item destacam como ocorreu a definição do objeto de estudo, assim como a pergunta científica desta pesquisa. Além disso, discorrem dados e breves conceitos importantes acerca da educação popular e dos feminismos.

Bourdieu (1998) disserta que existe uma hierarquia acerca dos objetos de pesquisa na ciência moderna, no qual alguns são mais valorizados em detrimento de outros. Como exemplo de objetos estudados menos valorizados, temos os objetos dos campos das Ciências Sociais e da Educação. Contudo, os pesquisadores e as pesquisadoras dessas áreas precisam estar seguindo firmes na luta contra as colonialidades⁶ que estão presentes até mesmo na ciência moderna.

Adichie (2015) destaca que “precisamos encorajar mais mulheres a se atreverem a mudar o mundo”⁷. Vivemos em uma sociedade que oprime de diferentes formas os grupos distintos de mulheres. Entre esses grupos, estão mulheres indígenas, mulheres negras, mulheres com deficiências, mulheres LGBTI+⁸ mulheres ribeirinhas, mulheres periféricas, mulheres idosas, mulheres que são mães, dentre outras particularidades em relação a ser mulher.

No passado e na contemporaneidade os feminismos⁹ estiveram no centro de muitas discussões. hooks (2018) discorre que a mídia e o crescimento das redes sociais tendem a inserir os feminismos como um movimento anti-homem. Contudo, ele está muito longe disso, pois também de acordo com a autora, os feminismos lutam contra a exploração sexista e contra a opressão que assola as vidas das mulheres.

De acordo com os dados do Atlas de Violência¹⁰ produzido pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) tendo como parâmetro o ano de 2021, em 11

⁶ Restrepo e Rojas (2010) dissertam que a colonialidade é um fenômeno histórico que está presente na sociedade contemporânea e está atrelada a um poder que naturaliza hierarquias territoriais, raciais, culturais, epistêmicas, e o crescimento hierarquias de gênero, que geram a reprodução de opressões por meio de processos de dominações.

⁷ Este trecho foi retirado do discurso de Adichie em sua colação de grau, que se encontra no canal WellesleyCollege. WELLESLEYCOLLEGE. **Chimamanda Ngozi Adichie**: 2015 Wellesley College Commencement Speaker. YouTube, 2015.

⁸ Com base no Manual de Educação LGBTI+ de 2021 a Aliança Nacional LGBTI+ é uma organização da sociedade civil, que não possui fins lucrativos. Ela tem como missão a promoção e defesa dos direitos humanos, assim como da cidadania da comunidade brasileira de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI+), através de parcerias com pessoas físicas e jurídicas.

⁹ Ao longo dos escritos será utilizada a expressão “feminismos”, uma vez que os feminismos são plurais. Existem os feminismos negros, os feminismos decoloniais, os feminismos populares, o feminismo interseccional, dentre outros.

¹⁰ GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. SECRETÁRIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Atlas da Violência 2021: 66% das mulheres assassinadas no Brasil são negras**. Disponível em: [Atlas da Violência 2021: 66% das mulheres assassinadas no Brasil são negras - Notícias - Secretaria de Políticas para as Mulheres - Estado da Bahia](#). Acesso em 30 jan. 2023.

anos as mulheres negras são as maiores vítimas de violências no Brasil. Esse número dispara mais quando se fala sobre mulheres transgênero negras, uma vez que com base na Associação Nacional de Travestis e Transsexuais¹¹ (ANTRA), 131 pessoas trans e travestis foram mortas no país no ano de 2022, incluindo mulheres transgênero e travestis. Ademais, o Brasil é o país que mais mata pessoas transgênero e travestis no mundo.

A Folha de São Paulo¹² destaca que entre 2007 e 2017 ocorreram 8.221 notificações de casos de violências contra mulheres indígenas. Desde o período da invasão dos portugueses ao território brasileiro essas mulheres sofrem com violências físicas e simbólicas.

Em 2018 a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência¹³ registrou 46.510 casos de violências contra mulheres, destes 8,5% são de mulheres com deficiência. Ademais, segundo o Ministério da Saúde, no mesmo ano 117.669 mulheres vítimas de violências foram atendidas em hospitais do país. Desse quantitativo, 6% possuíam alguma deficiência.

Na Amazônia paraense, somente no início do ano de 2022, foram registradas mais de 18 mil ocorrências de violência contra as mulheres¹⁴, demonstrando o quanto as mulheres amazônidas paraense estão vulneráveis a opressões da colonialidade de gênero.

Os dados anteriores foram destacados para demonstrar que todas as mulheres sofrem com violências, seja ela física, psicológica, moral, sexual, econômica, social ou doméstica. Contudo, dependendo do marcador social que a mulher carrega consigo, seja ele de raça, classe, etnia, gênero, deficiência, além de outros, o nível de opressão, assim como o quantitativo de violências aumenta significativamente.

¹¹ NDA+. **Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo; confira.** Disponível em: [Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo; confira | ND Mais](#). Acesso em 30 jan. 2023.

¹² RIBEIRO, Maria. **Vítimas de violência doméstica, mulheres indígenas tropeçam em distância e idioma para denunciar.** Disponível em: [Vítimas de violência doméstica, mulheres indígenas tropeçam em distância e idioma para denunciar - 04/03/2020 - Cotidiano - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em 30 jan. 2023.

¹³ NÃO SE CALE. **Violência contra Mulheres com Deficiências.** Disponível em: [Violência contra Mulheres com Deficiência – NÃO SE CALE \(naosecale.ms.gov.br\)](#). Acesso em 30 jan. 2023.

¹⁴ CARVALHO, Ana. **Pará registra mais de 18 mil ocorrências de violência contra a mulher no início de 2022.** Disponível em: [Pará registra mais de 18 mil ocorrências de violência contra a mulher no início de 2022 | Pará | O Liberal](#). Acesso em 30 jan. 2023.

Saénz e Rapacci (2013) explicam que a educação popular feminista instiga a educação popular a articular ferramentas de lutas para alcançar os direitos das mulheres. Na Amazônia paraense, as mulheres são protagonistas de muitos movimentos de educação popular e resistem diariamente as colonialidades, que ainda estão vigentes na contemporaneidade. Um dos movimentos de referência na educação popular paraense é o Grupo Pará Leitura (UEPA), uma vez que ele desenvolve atividades de educação popular freireana no campo e possui um Grupo de Estudo e Trabalho (GT) específico para trabalhar temáticas sobre gênero e sexualidade, o Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana, Gênero e Sexualidade (Egesex).

A partir da perspectiva da educação popular, com base em uma leitura crítica e filosófica do pensamento de Paulo Freire, diálogos de empoderamento feminino são tecidos no Egesex. hooks (2013) discorre o quanto Paulo Freire lhe ensinou sobre novas maneiras libertadoras de pensar sobre a realidade social, pois ele a fez pensar criticamente sobre ela mesma, sobre a realidade social dela, sobre a sua identidade, a identidade de uma mulher negra que passou por diversos processos de opressões. Com isso, percebe-se a importância dos princípios freireanos nas vidas das populações subalternizadas, sobretudo nas vidas de mulheres, que passam por diversos processos de opressões.

Ademais, Silva (2016) discorre acerca da essencialidade de uma pedagogia inspirada na educação popular e nos princípios feministas, visto que muitos movimentos de educação popular possuem mulheres como protagonistas. Acrescento que não pode ser qualquer feminismo nesta pedagogia, mas sim um feminismo decolonial. Castro (2022) explica que o feminismo decolonial é uma corrente de feminismos subalternos, que luta contra a hegemonia. Dentre os feminismos desta corrente, estão os feminismos pós-coloniais, o feminismo negro, o feminismo indígena e o comunitário.

Nos últimos anos, a educação, sobretudo a educação popular passou por diversos desafios, visto que a extrema direita estava no poder e constantemente não deixou de medir esforços para que as oprimidas e os oprimidos estivessem sem acesso à educação de qualidade, sem acesso a condições dignas de saúde e de sobrevivência, pois as classes populares não lutavam para viver, mas sim para sobreviver.

Arroyo (2012) discorre que a sociedade possui muros, dentro desses muros ocorre uma divisão entre os sujeitos que estão do lado de dentro do muro, que são pessoas dotadas de privilégios, como os homens brancos e mulheres brancas, burguesas/es cisgênero e heterossexuais, e os sujeitos que estão do lado de fora do muro, que são as populações oprimidas e excluídas. Desse modo, Freire (1992) destaca a importância do verbo esperar, pois é essencial juntar-se com o outro para fazer de outro modo e ir à luta, pois somente assim a divisão entre esses muros poderá ser combatida.

Muitas mulheres ainda se encontram do lado de fora dos muros e cercas, pois passam por diversos processos de exclusão, de negação e apagamentos. Estar em espaços de educação popular na Amazônia é sinônimo de resistência para as mulheres. Sendo assim, a educação popular feminista atrelada ao feminismo decolonial é fundamental para contribuir no processo de libertação de mulheres.

Desse modo, investigar contribuições da educação popular feminista em um grupo de educação popular é um ato de resistência na sociedade contemporânea, assim como uma ação de organização popular e de luta decolonial¹⁵, visto que um movimento político de diversas mulheres terá protagonismo no presente estudo.

A pesquisa também será de suma importância para a Universidade do Estado do Pará (UEPA), visto que a educação popular feminista é um tema pouco estudado nas Universidades. A partir das pesquisas realizadas até o momento, foi possível perceber que na biblioteca da pós-graduação do campus de Ciências Sociais e Educação (CCSE) da UEPA não existem livros que tenham como ênfase a educação popular feminista, ou o feminismo decolonial, demonstrando que a literatura científica feminista necessita ocupar os espaços de pesquisas do campus.

O estudo também contribuirá com o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UEPA), sobretudo na linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia, uma vez que o Pará Leitura (UEPA) é um grupo de ensino, pesquisa e extensão, com ênfase na educação popular no campo, que trabalha com crianças, jovens, adultos e idosos/os da comunidade do Poção. Desse modo, o grupo contribui de forma significativa para a liberdade crítica das/os educandas/os, de forma dialógica e respeitando os seus saberes. Com isso, ele se tornou um grupo de referência de

¹⁵ Mota Neto (2018) destaca que a decolonialidade tem como objetivo superar as várias formas de opressões que são provenientes da modernidade/colonialidade contra os grupos sociais subalternos.

educação popular no campo na região Amazônica. A pesquisa também busca contribuir com pesquisas futuras sobre educação popular feminista na Amazônia paraense e no Pará Leitura (UEPA).

O Pará Leitura (UEPA) é um grupo de pesquisa e extensão da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Suas ações ocorrem na comunidade do Poção, localizada na ilha de Cotijuba-Belém, no estado do Pará. O grupo possui 3 Grupos de Estudos e Trabalhos (GTs), denominados como: Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana, Gênero e Sexualidade (Egesex), Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Ambiental (Eduamb) e Grupo de Estudo e Trabalho de Letramento, Ludicidade e Lazer (LLL). As/os educandas/os do grupo são da Educação Infantil e da Educação com Jovens, Adultas/os e Idosas/os (EJAI).

Dentre os GTs, está o Egesex. De acordo com Cordeiro *et al.* (2014) quando o GT ainda era um eixo, ele tinha como objetivo centrar-se em uma prática crítica e filosófica, orientada pelos pressupostos freireanos. Atualmente o GT possui um trabalho direcionado para discussões críticas, pautadas nos princípios da educação popular freireana, e possui como foco os temas sobre gênero, e sexualidade com moradoras da comunidade do Poção e educadoras com formações variadas. O GT é formado por estudantes de graduação das áreas da educação e da saúde, bem como por professoras e professores formados em Pedagogia e com pós-graduação na área educação.

Lima (2020) discorre que assim como todos os grupos que sofrem com relações de poder opressivas, as mulheres são desafiadas a resistir e transformar sua condição, visto que elas vivem permeadas de relações de dominação e submissão, que geram uma rígida divisão sexual do trabalho, além de outras formas de violências.

Dessa forma, percebe-se a importância de uma educação popular feminista, uma vez que ela é a união de acolhimento de mulheres, resistência e esperança. Esperança essa que faz parte do esperar de Paulo Freire. Freire (2017) destaca que Paulo passou sua vida lutando por um novo mundo, mundo esse carregado de justiça, incluindo uma sociedade mais igualitária entre homens e mulheres. Desse modo, o feminismo é um grande aliado da educação popular, para conseguir alcançar um mundo mais humano.

Desta maneira, surgiu o problema deste estudo, que consiste em investigar quais as contribuições da educação popular na formação feminista de educadoras, que

residem no estado do Pará e de educandas moradoras da Comunidade do Poção, ilha de Cotijuba, Belém-Pará, participantes do Grupo Pará Leitura (UEPA)?

1.3 Objetivos

Analisar as contribuições da educação popular na formação feminista de educadoras, que residem no estado do Pará e de educandas moradoras da Comunidade do Poção, ilha de Cotijuba, Belém-Pará, participantes do Grupo Pará Leitura (UEPA).

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) Compreender o debate da educação popular feminista a partir de algumas das principais teóricas que discutem o assunto na América Latina, no Brasil e na Amazônia;
- b) Descrever as repercussões do trabalho do Pará Leitura (UEPA) nas vidas das educadoras e das educandas do grupo, no sentido da construção da autonomia e afirmação do direito à educação.

1. 4 Estado do Conhecimento

Para enriquecer o debate deste estudo, foi realizado o estado do conhecimento. Com base em Silva *et. al.* (2020, p. 2) o estado do conhecimento tem como objetivo "olhar para trás", assim como "rever caminhos percorridos", caminhos esses que podem ser revisitados para contribuir na sistematização e organização de uma nova pesquisa.

Morosini e Fernandes (2014, p.155) destacam que o estado do conhecimento é "identificação, registro, categorização, que levam à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo". Desse modo, pode-se perceber que o estado do conhecimento contribui para os caminhos de uma pesquisa, respeitando as histórias dos seus eixos temáticos no passado, para assim conseguir alcançar uma nova trajetória na caminhada científica com maior organização e reflexão teórica.

O presente estado do conhecimento contém levantamento bibliográfico de teses e dissertações, em que os resumos destas pesquisas foram analisados. Os trabalhos investigados possuem como ênfase a educação popular feminista, assim como a educação popular e feminismos. O recorte temporal da pesquisa se deu no período

de 2000 a 2022 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFPA) do Repositório da Universidade Federal do Pará (UFPA). Ademais, a análise no banco de dissertações já defendidas do PPGED/UEPA delimitou-se no período de 2005 a 2020¹⁶. A investigação teve como foco a área da educação. Os descritores utilizados nos bancos de dados foram: **a) educação popular feminista; b) educação popular e feminismo.**

A busca foi iniciada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), em seguida na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFPA), posteriormente a investigação foi realizada no Banco de Dissertações do PPGED/UEPA. Não foram utilizados operadores booleanos.

Inicialmente 105 resultados foram levantados no banco da BDTD a partir dos descritores “educação popular feminista” e “educação popular e feminismo”. Em ambos os descritores apareceram os mesmos trabalhos. Todavia, 88 trabalhos foram descartados, uma vez que não estavam nos critérios de inclusão da pesquisa, que possui como ênfase estudos que abordam a educação popular feminista ou investigações que destacam de forma simultânea a perspectiva de gênero, com foco em feminismos e a educação popular.

Quadro 1 – Dissertações e Teses Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações/
Dissertações Banco de Dissertações PPGED/UEPA - Temas sobre Educação Popular
Feminista e Educação Popular e Feminismo

Área	Nível	Instituição	Título da dissertação	Autora/o
Educação	Mestrado	Universidade de Brasília (UNB)	Intersecção entre Feminismo e Educação Popular na Formação de Promotoras Legais Populares	LIMA (2020)
Educação	Mestrado	Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	O “Artesanato de Si” de Mulheres Assentadas do MST: um processo político pedagógico feminista pelo viés da educação popular	GODINHO (2017)
Educação	Mestrado	Universidade do Vale do Rio	Mulheres que (Des)aprendem a Ser	CORNAGLIA (2007)

¹⁶ Amador (2020, p. 24) destaca que no ano de 2005 o PPGED/UEPA iniciou as suas turmas em nível mestrado por meio das “Resoluções nº 383/2003 e nº 892/2003, CONCEN-UEPA, sendo recomendado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 16 de março de 2005”. No período do levantamento do estado do conhecimento deste estudo, no banco dissertações já defendidas do PPGED/UEPA existiam produções publicadas até o ano de 2020.

		dos Sinos (Unisinos)	Mulheres na Tradição Católica Desconstruindo Modelos de Opressão Através da Formação das Promotoras Legais Populares	
Educação	Doutorado	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	A Dança como Expressão da Educação Popular na Construção da Libertação de Corpos Femininos	ARAÚJO (2022)
Educação	Doutorado	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	Fios, Tramas, Cores, Repassos e Inventabilidade: a formação de tecelãs em Resende, Costa MG	CASTRO (2015)
Educação	Doutorado	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	O Movimento do Feminismo Agroecológico no Vale do Ribeira (SP): contribuições para uma educação decolonial	BUSKO (2022)
Educação	Mestrado	Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)	Além dos Muros da Escola: um estudo sobre educação popular e o projeto Promotoras Legais Populares de Campinas (SP)	PATTI (2015)
Educação	Mestrado	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	Serviço Social, Educação Popular e Relações de Gênero: um diálogo entre os três saberes na busca da emancipação	BIASI (2007)
Educação	Mestrado	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Mulheres, Memórias e Práticas de Saúde: educação popular em comunidades rurais do Norte de Minas Gerais	OLIVEIRA (2022)
Educação	Doutorado	Universidade de Caxias do Sul (UCS)	Mediações Pedagógicas no Território de Empoderamento Popular: uma experiência em processo/Caxias do Sul-RS	PEDRO (2022)
Educação	Doutorado	Universidade Federal de Fluminense (UFF)	Pedagogia do Movimento Agroecológico: fundamentos teórico-metodológicos	SILVA (2020)
Educação	Mestrado	Universidade Federal de	Promotoras Legais Populares: avançando na luta pela igualdade de	SANTOS (2014)

		São Carlos (UFSCAR)	gênero e na compreensão da Educação de Jovens e Adultos	
Educação	Mestrado	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Mulheres Vestidas de Barro e os Sentidos da Produção de Mestras Artesãs da Comunidade do Alto do Moura em Caruaru/PE	SILVA (2016)
Educação	Doutorado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Mulheres camponesas plantando saúde, semeando sonhos, tecendo redes de cuidado e de educação em defesa da vida	PULGA (2014)
Educação	Mestrado	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Educação Interseccional: práxis transformadoras de educadores/as sociais no enfrentamento ao epistemicídio	MARTINS (2021)
Educação	Mestrado	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PURS)	A Educação Tecnológica ao Alcance de Todas? A Invisibilidade das Mulheres Empobrecidas em Revistas Produzidas por Instituições Federais do Sul do Brasil	MODEL (2021)
Educação	Mestrado	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	A Influência das Questões de Gênero nos Processos Avaliativos Escolares	SILVA (2013)
Educação	Mestrado	Universidade do Estado do Pará (UEPA)	Cartografia de Saberes de Mulheres Ribeirinhas em uma Classe	NERI (2018)

Fonte: Elaborada pela autora

Os tópicos de *Educação Popular Feminista* e *Educação Popular e Feminismo* possuem estudos com ênfase na educação popular, mulheres e em feminismos de forma simultânea. Contudo, não possuem estudos especificamente com o conceito de “educação popular feminista”. A investigação proporcionou uma compreensão de forma ampla acerca dos temas da presente pesquisa, contribuindo de forma direta com os caminhos desta investigação.

a) Educação Popular Feminista e Educação Popular e Feminismo

Lima (2020) compreende a análise da relação entre educação popular e feminismo, na formação de Promotoras Legais Populares (PLPs), em Águas Lindas

de Goiás. O projeto busca formar mulheres para o combate à violência de gênero e atua em defesa de políticas públicas voltadas para mulheres. A pesquisa pôde perceber que o curso é uma experiência transformadora para as cursistas, assim como para as envolvidas na construção coletiva do projeto, que a partir das vivências no PLPs se tornaram mulheres engajadas na luta contra opressões, sobretudo contra as opressões de gênero.

Godinho (2017) buscou compreender em seu estudo como se dá o processo de empoderamento das mulheres através das oficinas de artesanato, buscando refletir com essas mulheres como elas elaboram o “artesanato de si” a partir das contribuições da pedagogia feminista e da educação popular para a (re)significação de saberes e conhecimentos, em um processo político pedagógico de artesanato. A autora discorre que dentre os resultados importantes está o artesanato como instrumento político no processo de autoconscientização, como sujeito histórico no sentido político da educação, além de um elemento simbólico de resistência.

A investigação de Cornaglia (2007) busca compreender como as mulheres que aprendem a ser mulher por meio do modelo hierárquico e androcêntrico da Igreja Católica recriam essa identidade a partir de suas experiências de vida, sobretudo quando participam do Projeto Acesso Popular a Justiça (APJ) e do Curso de Promotoras Legais Populares (PLPs). O estudo demonstrou que as entrevistadas possuem capacidade criativa para que em seu cotidiano possam desconstruir o modelo hierárquico e androcêntrico, podendo viver de forma mais autônoma e prazerosa consigo mesmas, sem abdicar de sua fé. Ademais, elas tentam pôr em prática as aprendizagens decorrentes da formação dos cursos do Projeto de Acesso Popular à Justiça (APJ).

Araújo (2022) em seu estudo buscou encontrar conexões entre os campos da educação popular e da dança, com o foco em histórias de vidas de mulheres. O objetivo principal da pesquisa foi aprender a partir de experiências no Grupo CorpoMulher como a dança se expressa na perspectiva da educação popular, buscando meios para decolonizar corpos e mentes femininas para alcançar a libertação. Os resultados demonstraram que o Grupo CorpoMulher possui uma perspectiva feminista que integra as vozes, corpos e reivindicações contra as opressões vividas pelas mulheres, sobretudo, pelas relações de gênero. Além disso, a investigação demonstrou que a educação popular é uma forte aliada para o processo

de conscientização de opressões para alcançar a emancipação e libertação nas vidas de mulheres do grupo.

Castro (2015) analisa como ocorre o processo pedagógico de ensinar e aprender da tecelagem manual que é realizada por mulheres no município de Resende Costa, localizado em Minas Gerais. A análise de dados do estudo se deu por intermédio da hermenêutica feminista e da educação popular. A investigação concluiu que o processo mais rico na formação das tecelãs ocorre por meio do repasso, que possui como princípio a partilha.

A pesquisa de Busko (2022) buscou analisar os elementos que constituem o movimento do feminismo agroecológico na região do Vale do Ribeira, interior sul paulista, buscando pensar contribuições para uma educação decolonial. Nos trilhares da pesquisa a Pedagogia freireana é apresentada, demonstrando os princípios da educação deste filósofo nas ações de educação popular. O estudo evidenciou que como movimento social e epistemológico, o movimento do feminismo agroecológico deixa explícito que as mulheres poderiam reorganizar as relações de poder e de decisão dentro da família tradicional patriarcal. Ademais, a autora destaca que o fazer decolonial exige uma observação e uma mediação com base nas vivências de forma sensível.

Patti (2015) em sua investigação tem como objetivo principal analisar funções educacionais e a ação educativa do projeto de Promotoras Legais Populares, assim como investigar de que modo a raça e gênero, em sua interseccionalidade, podem interferir, positiva ou negativamente, na autoestima e reconhecimento das alunas da oitava turma do projeto de Promotoras Legais Populares de Campinas. O projeto possui um curso de formação de educadoras populares, que busca fazer com que mulheres se reconheçam como protagonistas de suas histórias e tenham conhecimento sobre seus direitos. Os resultados alcançados demonstram hipóteses de interlocução de uma educação popular com os movimentos sociais.

Biasi (2007) realizou um estudo acerca das experiências de educação popular vivenciadas na profissão de assistente social. A investigação transitou na perspectiva feminista à educação popular e proporcionou um diálogo entre relações de gênero, educação popular e serviço social. A autora demonstrou que o entrelaçamento entre essa tríade sugere possibilidades de construções de diferentes arranjos sociais.

O estudo de Oliveira (2022) discorre acerca das práticas em educação popular em saúde a partir da organização da Associação do Coletivo de Mulheres Organizadas

no Norte de Minas Gerais (ACMONM) e do Grupo de Saúde Alternativa Natureza e Vida (SANAV), localizados no município de Porteirinha. A abordagem teórica se deu por intermédio das perspectivas decolonial, feminista e da educação popular. Os resultados da investigação demonstraram a resistência social das mulheres no campo. Para além disso, as experiências de vida e o trabalho coletivo explicitaram a herança tradicional em saúde em espaços coletivos femininos, gerando avanços para a valorização da saúde por meio de recursos naturais do Cerrado e da Caatinga.

A investigação de Pedro (2022) buscou analisar as mediações pedagógicas construídas no encontro entre militantes do Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD) e a comunidade do loteamento Vila Ipê, a fim de sistematizar as rupturas acumuladas como potenciais de emancipação humana e social, a partir do território periférico. A investigação demonstrou que a concretização da Saboaria Popular Las Margaritas pelo grupo de Mulheres do Movimento foi um salto qualitativo na organização da militância orgânica no território, com o foco na concepção de trabalho associado em sua dimensão ontológica, que está para além da geração de trabalho e renda, uma práxis feminista interligada a educação popular.

Silva (2020) analisa os fundamentos teóricos-metodológicos da Pedagogia do Movimento Agroecológico, levando em consideração as contradições do capital/trabalho, assim como as mediações entre trabalho e educação nas experiências educacionais desenvolvidas na Zona da Mata de Minas Gerais. O autor destaca que a Pedagogia do Movimento Agroecológico se constitui e se constrói na convergência entre os saberes do trabalho camponês, pela Educação Popular e Educação do Campo. Ademais, seus fundamentos possuem um conjunto de princípios pedagógicos que orientam as experiências educativas, dentre eles está o enfoque de gênero e do feminismo na estruturação da formação em agroecologia.

A investigação de Santos (2014) buscou analisar e descrever uma experiência de Educação de Jovens e Adultos (EJA), compreendida na perspectiva da Educação ao longo da vida, no Curso de Promotoras Legais Populares (PLPs), que possui como um de seus focos formar mulheres adultas para serem multiplicadoras dos direitos, leis e mecanismos jurídicos em suas comunidades. A investigação trata a formação das PLPs como uma experiência de educação ao longo da vida, trazendo a reformulação na organização da EJA como espaço formativo para atender melhor mulheres.

Silva (2016) tem como objetivo compreender os sentidos da produção de mestras artesãs em barro da comunidade do Alto do Moura em Caruaru-PE. O estudo possui diálogos entre a Educação Popular e o feminismo. A investigação possibilitou uma visão acerca da construção de saberes populares dentro de uma produção feminista, demonstrando o conhecimento popular das artesãs em barro da comunidade do Alto do Moura.

Pulga (2014) buscou identificar as contribuições político-pedagógicas dos movimentos sociais populares nas experiências e práticas culturais, integrativas, tradicionais de cuidado e educação popular em saúde, sobretudo do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). O estudo demonstrou que o MMC é um espaço de luta e de valorização das mulheres camponesas. Das experiências de cuidado, de luta e de formação que o movimento desenvolve, assim como interação com os movimentos e práticas de educação popular em saúde e de educação permanente em saúde emergem as contribuições político-pedagógicas que ajudam a repensar o modo de cuidar a vida e a saúde.

Martins (2021) buscou analisar práticas que podem ser configuradas como práxis transformadoras e interseccional em currículo de educação não formal, por meio da relação entre educação popular, currículo, feminismo decoloniais e estudos críticos da branquitude, apontando caminhos possíveis para aumentar possibilidades para o enfrentamento da problemática do epistemicídio racista/machista em espaços educativos. Dentre os resultados do estudo, estão os caminhos para uma práxis transformadora, um caminho que tem como fundamentos a consciência da própria prática.

Model (2021) buscou analisar a presença ou não da educação tecnológica direcionada para mulheres empobrecidas e estudantes da Proeja em artigos publicados em revistas de dois Institutos Federais. Para a realização das análises dos artigos selecionados, utilizou-se a análise documental, a hermenêutica feminista e a educação popular. A investigação indicou a invisibilidade ou ausência de pesquisas sobre as estudantes do Proeja. Ademais, as revistas sinalizaram um reflexo acerca de como a educação tecnológica que envolve mulheres ainda é um campo de estudos para os Institutos Federais e para a sociedade em geral.

O trabalho de Silva (2013) elucida influências das questões de gênero nos processos avaliativos formais e informais, assim como busca identificar situações que podem conduzir à exclusão de meninos e meninas em escolas. O estudo demonstrou

que questões de gênero não são tratadas nas turmas investigadas, resultando em processos de exclusão relacionados a essas questões no ambiente escolar. A autora discorre que a educação popular pode ser considerada um importante caminho para iniciar discussões de gênero em escolas.

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFGA) a investigação foi realizada na área de Ciências Humanas - Educação no estado do Pará. Por meio da pesquisa foi possível perceber que no período de 2000 (dois mil) a 2022 (dois mil e vinte e dois) não foram produzidas teses e dissertações com ênfase na educação popular e em feminismos de forma simultânea na UFGA.

Foram encontrados 46 trabalhos a partir do descritor educação popular feminista. Contudo, nem um trabalho possui o foco no tema ou na educação popular e na perspectiva de gênero, com ênfase no feminismo de forma simultânea. Posteriormente foi realizada uma nova busca na BTD/UFGA com o descritor educação popular e feminismo, também com o foco em trabalhos do estado do Pará. A partir da busca 75 trabalhos foram analisados.

No Banco de Dissertações do PPGED/UEPA não foi possível realizar uma busca ampla, uma vez que o site não possui filtros para a busca com descritores. Dissertações com títulos acerca da educação popular, temas com a perspectiva de gênero com o foco no feminismo e estudos sobre mulheres foram analisados. Dentre as dissertações encontradas, somente uma possui como foco a educação popular e os saberes de mulheres. Este trabalho encontra-se na tabela 1, é o último trabalho da tabela.

Em seu estudo Neri (2018) realizou uma cartografia de saberes de mulheres ribeirinhas em uma classe hospitalar da Amazônia paraense, que possui parceria com o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA). Dentre os objetivos do estudo está a realização de uma cartografia de saberes das educandas atendidas no Espaço Acolher. A autora também analisa como os saberes populares de educandas ribeirinhas são trabalhados pedagogicamente na classe hospitalar/NEP. Os resultados do estudo demonstram um mapeamento de múltiplos saberes protagonizados por mulheres amazônicas. Os relatórios e planejamentos da classe hospitalar/NEP apontaram que há indícios que os saberes das educandas são trabalhados pedagogicamente no espaço educativo.

A partir do presente estado do conhecimento foi possível perceber que existem alguns estudos com ênfase em feminismos e educação popular no Brasil, assim como

na Amazônia paraense. Contudo, a escassez em pesquisas com o foco no conceito da “educação popular feminista” ainda é uma realidade em estudos brasileiros, uma vez que mais de 206 resumos de trabalhos foram analisados e nenhum possuía como foco de análise o conceito ou perspectiva da educação popular feminista. Com isso, a presente investigação busca contribuir com reflexões acerca deste tema na Amazônia paraense. Desse modo percebe-se a importância desta pesquisa.

Além disso, nos últimos 22 anos, somente uma pesquisa com o foco em mulheres e na educação popular foi desenvolvida na Amazônia paraense, que teve como ênfase uma classe hospitalar do NEP/UEPA. Desse modo, é possível perceber que ainda não existem pesquisas acerca da educação popular feminista, sobretudo especificamente no grupo Pará Leitura (UEPA), um grupo no qual pode estar contribuindo com o debate da educação popular feminista na Amazônia paraense.

Este estado do conhecimento também contribuiu para demonstrar o quanto pesquisas com ênfase na educação popular e em feminismos podem ser um refúgio em meio a tantas mazelas sociais, uma vez que os estudos investigados demonstram possibilidades de uma sociedade mais igualitária na perspectiva de gênero feminista, por meio de projetos, metodologias e teorias. A pesquisa científica também é uma ferramenta de manutenção de esperança nos corações daquelas/es que acreditam em um amanhã mais bonito e justo para a sociedade brasileira.

1.5 Organização da dissertação

O estudo está organizado da seguinte forma: a primeira seção, que corresponde a este texto, é denominada como a introdução, a segunda seção corresponde ao capítulo metodológico, a terceira seção dialoga acerca de um capítulo epistemológico sobre a educação popular feminista, a quarta seção realiza análises acerca das experiências de educação popular feminista no Pará Leitura (UEPA) e a quinta seção contará com as contribuições finais do estudo.

2. É no diálogo, na escuta e na união de vozes e saberes que se constroem os caminhos da pesquisa

A metodologia é de suma importância nos caminhos da pesquisa, ela é quem decide quais caminhos serão trilhados ao longo da trajetória do estudo. Desse modo, ela está de mãos dadas com a pesquisadora ou com o pesquisador na teoria e na prática.

Minayo (2001, p. 04) disserta que a metodologia pode ser entendida como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Ademais, a autora discorre que ela é o sopro divino, que contribui para o potencial criativo da/o pesquisador/a. A autora também explica que os conjuntos de técnicas metodológicas devem ser claras, coerentes e elaboradas, capazes de gerar trajetórias para a teoria e para a prática.

Durante o presente estudo, a metodologia foi modificada algumas vezes a partir de diálogos com docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UEPA), visto que as conversas, e as escutas ao longo das disciplinas do mestrado em educação, e das orientações do meu orientador de pesquisa, assim como da minha banca avaliadora foram fundamentais para guiar os meus passos enquanto pesquisadora até o presente momento. Desse modo, os caminhos desta investigação foram construídos de forma coletiva.

No presente capítulo, será destacado os caminhos metodológicos da presente investigação.

2.1 Método científico e enfoque da pesquisa

O presente estudo possui como método a perspectiva epistemo-metodológica decolonial. De acordo com Mota Neto e Lima (2020) essa perspectiva possui como objetivo romper com a estrutura positivista moderna, assim como assumir um compromisso político-transformador, por meio da/o pesquisadora/o em relação às realidades educacionais e sociais investigadas.

Dulci e Malheiros (2021, p. 184) explicam que métodos de pesquisas decoloniais não devem ser organizados apenas para responder objetivos e perguntas acadêmicas. Portanto, é necessário pensar em metodologias que busquem solucionar problemáticas emergentes das/os oprimidas/os e das/os subalternizadas/os, que sofrem com as opressões da colonialidade.

Esta perspectiva se caracteriza com a posição metodológica crítica e libertadora de Freire (2002). O seu caráter transformador social e educacional gera desafios, uma vez que de acordo com Mota Neto e Lima (2020), os Programas de Pós-Graduação (PPG) ainda seguem reproduzindo a lógica eurocêntrica, assim como a colonialidade pedagógica, pois diversos PPGs não assumem políticas de ações afirmativas com êxito. Ademais, muitos currículos e sistemas avaliativos ainda são colonialistas.

Mota Neto e Lima (2020) alegam que pesquisadoras e pesquisadores do mundo, incluindo no estado do Pará seguem decolonizando suas pesquisas a partir desse método, no qual possui como ênfase os sujeitos que estão com base em Arroyo (2012) do outro lado do muro, o lado das/os excluídas/os e das/os oprimidas/os. Ademais, o autor disserta acerca da importância de pedagogias e acrescento metodologias, que incluam esses indivíduos, dando ênfase em suas vozes e saberes.

Mota Neto e Lima (2020) explicam que o método epistemo-metodológico decolonial exige a pesquisa participativa. Brandão (2007, p. 4) disserta que a pesquisa participativa “deve partir da realidade concreta da vida cotidiana”. Dessa forma, os saberes das experiências e conhecimentos dos/as participantes do estudo serão compartilhados e valorizados ao longo da investigação. Albuquerque *et al.* (2016, p. 33) alega que “os saberes das experiências referem-se ao conjunto de conhecimentos, modos de pensar, sentir e fazer enraizados no cotidiano, que envolvem tática, sutileza, faro, improviso, criação”.

Outra característica das pesquisas com métodos epistemo-metodológicos decoloniais, de acordo com Mota Neto e Lima (2020) é a construção da memória coletiva, uma vez que neste tipo de estudo a memória coletiva é valorizada epistemologicamente. Com base em Walsh (2013) os autores explicam que sobretudo as memórias dos povos indígenas e dos povos afrodescendentes, são mantidas como ferramenta de luta em estudos decoloniais, acrescento também as memórias das mulheres, que estão presentes nos movimentos de educação popular, visto que constantemente suas histórias são apagadas nos escritos da história oficial.

Sendo assim, o presente estudo possui como método a perspectiva decolonial, visto que ele possui como ênfase um movimento de educação popular no campo, assim como as mulheres que estão presentes nesse movimento e a educação popular feminista na Amazônia paraense. Desse modo, esta pesquisa contribuirá com estudos decoloniais no PPGED/UEPA e na Amazônia paraense.

Para os PPGs conseguirem alcançar mais pesquisas decoloniais em seus programas metodologicamente e epistemologicamente, é necessário que estudiosas e estudiosos da decolonialidade estejam inseridos/as em seus currículos e ao longo de todo o processo de ensino. Além disso, pesquisas que tenham como ênfase os sujeitos subalternizados precisam cada vez mais ser investigadas, uma vez que esta é uma forma de dar voz às histórias dessas pessoas, que sofrem com opressões e apagamentos na história oficial, assim como na sociedade.

2.2 Abordagem de pesquisa

Esta pesquisa possui como abordagem a abordagem qualitativa. Minayo (2002) discorre que a abordagem qualitativa se preocupa com um universo de significados, que envolve crenças, valores, atitudes e aspirações. Ludke e André (1986) explicam que a abordagem qualitativa tem como foco a obtenção de dados descritivos e é fiel às perspectivas das/os participantes.

Chizzotti (2018) explica que estudos qualitativos envolvem as ciências humanas e as ciências sociais, além de adotarem multimétodos de investigação, que buscam encontrar um sentido, assim como os significados que as pessoas dão a um determinado fenômeno de estudo. O autor também explica que o termo qualitativo, está atrelado a compartilhamentos profundos com pessoas, em relação a vivências e locais, que dizem respeito aos objetos de pesquisas.

A escolha da abordagem qualitativa se deu porque os dados colhidos não podem ser analisados pela sua quantidade, mas sim interpretados de forma sensível e atenciosa, para assim desvendar os significados ocultos do meu objeto de pesquisa, visto que de acordo com Chizzotti (2018) estas também são características de estudos qualitativos.

Além disso, tendo em vista o meu método de pesquisa, que possui como foco a decolonialidade, o presente tipo de pesquisa exige a coletividade e a participação ativa da pesquisadora e do pesquisador durante a investigação, assim como um olhar sensível em relação aos sujeitos do estudo. Chizzotti (2018) destaca que pesquisas qualitativas possuem como ênfase o partilhar com o outro, para assim atribuir significados aos objetos de estudo.

2.3 Tipo de pesquisa

O presente estudo possui como tipo de pesquisa a pesquisa participante, uma vez que eu participo ativamente do estudo, visto que sou educadora popular no projeto Pará Leitura.

2.3.1 Pesquisa participante

Esta investigação possui como ênfase um projeto de pesquisa e extensão de educação popular no campo, assim como as contribuições deste movimento para o coletivo político, popular, educacional e social da educação popular feminista. Brandão (2007) explica que a pesquisa participante frequentemente é desenvolvida com movimentos sociais, geralmente em movimentos populares.

O autor define a pesquisa participante como um instrumento, assim como um método de ação-científica, bem como um momento de trabalho popular, político e pedagógico, que é amplo e contínuo. Mota Neto (2018) disserta que esse tipo de pesquisa tem como foco análises críticas acerca da sociedade, busca construir poder popular em benefício dos excluídos, assim como visa realizar a transformação econômica e social dos povos oprimidos.

Brandão (2007) destaca alguns princípios da pesquisa participante, dentre eles está a importância de a pesquisa partir da realidade social e cotidiana das/os participantes individuais e coletivos do estudo. Ademais, as experiências vividas e pensadas pelos sujeitos da investigação são essenciais. Outro ponto fundamental é que o conhecimento científico e o popular articulam-se de forma crítica, gerando o terceiro conhecimento transformador.

O autor também acrescenta que na pesquisa participante a pesquisadora e o pesquisador possuem um compromisso social, político e ideológico com a comunidade, assim como com suas causas sociais, uma vez que esse tipo de estudo é uma possibilidade de transformação de saberes, pois a pesquisa participante é uma alternativa de revolução metodológica, e epistemológica na ciência e na educação.

Brandão (2007) discorre que o processo da pesquisa participante ocorre por meio da teoria e da prática (práxis), na qual a teoria é construída e reconstruída por meio de uma sequência de práticas construídas e refletidas criticamente. Ademais, o autor elucida que a pesquisa participante deve ser pensada como um processo dinâmico, que ocorre de forma coletiva.

2.4. Grupo de pesquisa e extensão Pará Leitura

O grupo de pesquisa e extensão Pará Leitura (UEPA) realiza suas atividades no estado do Pará, na comunidade do Poção. Com base em Huffiner *et al.* (2018) a comunidade do Poção fica localizada na região leste da Ilha de Cotijuba, próxima à comunidade da Pedra Branca. O perfil socioeconômico das/os moradoras/es é marcado pela pesca, pelo artesanato e pela agricultura.

Os autores também destacam que as famílias recebem auxílios de programas sociais governamentais para complementar a renda, que infelizmente não ultrapassa um salário-mínimo. Desse modo, percebe-se que as/os moradoras/es da comunidade do Poção enfrentam muitos desafios, uma vez que sustentar uma família com um salário-mínimo é um grande desafio no Brasil. Para além disso, a comunidade vem sofrendo com problemas de erosão, gerando riscos as moradias das pessoas que residem no espaço.

A minha primeira ida à comunidade do poção me gerou um “momento impactante” (fala muito destacada pela coordenadora do Pará Leitura Izilda), isso ocorreu desde o minuto que eu cheguei no trapiche de Icoaraci para pegar a lancha, pois para chegar à comunidade do Poção, é necessário atravessar o rio e nessa travessia as educadoras e os educadores precisam levar materiais e alimentos para o desenvolvimento da ação. Ao chegar no Poção, precisamos organizar os espaços para desenvolver as práticas educacionais e todos esses momentos enchem o coração de alegria, esperança e entusiasmo para desenvolver as práxis educacionais.

Com o passar do tempo e das ações educacionais, eu fui me familiarizando cada vez mais com o campo de pesquisa. Desenvolvi uma relação carinhosa e gentil com as educadoras e educandas do Egesex. Tive a oportunidade de conhecer melhor as práxis do GT ao longo do meu estudo e percebi que o grupo possui uma potência gigantesca no campo da educação popular feminista.

Outrossim, também tive algumas dificuldades ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pois o Pará Leitura enfrenta um grande desafio para conseguir custear financeiramente as ações educacionais desenvolvidas na comunidade do Poção e isso acaba ocasionando o atraso para realizar ações educacionais e conseqüentemente o atraso da realização de pesquisas neste ambiente.

Entretanto, esses desafios foram pequenos comparados a minha paixão por esta investigação, bem como pelas práticas educacionais desenvolvidas no Pará Leitura, pois nesse espaço eu fui acolhida como educadora e pesquisadora. Além disso, tive o apoio de educadoras e educadores do PL, que no meio da caminhada da

educação popular feminista tornaram-se grandes amigos. Desse modo, a minha pesquisa me remete a aprendizados coletivos e acolhimento.

Os aprendizados coletivos ocorriam ao longo das práticas educacionais do Egesex, que tiveram temas geradores críticos, que me proporcionaram muitos aprendizados acerca da divisão sexual do trabalho, sobre saúde da mulher, bem como assuntos importantes em relação aos desafios de ser uma mulher moradora de uma comunidade ribeirinha. Ademais, foi muito bonito ver a importância do grupo Pará Leitura para as moradoras da comunidade do Poção, pois em uma das atividades da minha pesquisa, as educandas relataram este assunto. Todos esses momentos com certeza ficarão marcados em minhas memórias.

2.5 Procedimentos

A pesquisa possuiu como procedimentos o levantamento bibliográfico de literatura científica acerca dos temas colonialidade de gênero, patriarcado, educação popular feminista, feminismo decolonial e a história do grupo Pará Leitura (UEPA). De acordo Chizzotti (2018, p.127) a bibliografia “reúne a atividade impressa em uma ampla tipologia de obras criadas no curso da sua evolução histórica”. Sendo assim, ela é de suma importância no presente estudo, uma vez que os eixos temáticos desta investigação serão analisados de forma aprofundada para enriquecer o debate teórico deste texto.

O segundo procedimento ocorreu por meio do levantamento documental de relatórios e trabalhos do Pará Leitura (UEPA), que registram ações de educação popular do grupo ao longo de sua história. Cellard (2012) destaca que o documento escrito é uma fonte carregada de preciosidade para as pesquisadoras e os pesquisadores das ciências sociais, pois segundo o autor, a memória pode alterar a lembrança, assim como esquecer fatos importantes, mas o documento escrito permanece como testemunho de um passado recente.

O terceiro procedimento aconteceu através da observação participante. Minayo (2001) explica que a observação participante se dá por intermédio da observação direta da pesquisadora e do pesquisador a um determinado fenômeno de estudo, com o objetivo de adquirir informações acerca de atores sociais da pesquisa em seus contextos de vivências. A autora acrescenta que essa técnica é fundamental para alcançar dados que não podem ser coletados através de perguntas, mas sim a partir da observação direta da pesquisadora e do pesquisador.

Sendo assim, a observação participante contribuiu para eu analisar, por meio das vivências das educadoras e das educandas do GT Egesex, como se apresenta o debate da educação popular feminista no Pará Leitura (UEPA). Contudo, de forma espontânea e natural, pois a observação permitiu que as educandas e as educadoras pudessem realizar suas vivências e práxis no grupo, de acordo com suas atividades rotineiras.

O quarto procedimento ocorreu por meio dos círculos de cultura, que fazem parte da metodologia da educação popular freireana. Freire (2015) discorre que os círculos possuem como princípio a liberdade crítica a partir do diálogo, além do reconhecimento dos sujeitos enquanto protagonistas de suas histórias e criadores de cultura, para além disso, este tipo de metodologia é fundamental para romper com o paradigma de que a educadora ou o educador está no centro do conhecimento, pois os círculos de cultura permitem que a aprendizagem se dê de forma recíproca, com ênfase nas trocas de conhecimentos e de saberes. Eles ocorrem por meio de uma coordenadora, ou de um coordenador e educandas/os em rodas de conversas. No presente estudo os círculos de cultura ocorreram por meio da pesquisadora (eu), das educadoras e das educandas do Egesex.

O quinto procedimento se deu por meio de entrevistas narrativas. De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2008) este tipo de entrevista é um método de pesquisas qualitativas e é uma forma de entrevista não estruturada de profundidade, assim como possui características específicas. Os autores também discorrem que este tipo de entrevista evita uma pré-estruturação e possui como ênfase o contar e o escutar da história da/o participante da pesquisa.

Jovchelovitch e Bauer (2008) também acrescentam que na entrevista narrativa a/o entrevistada/o se revela melhor no momento que narra a sua própria história a partir da sua linguagem espontânea. Além disso, os autores dissertam que ela possui 4 (quatro) fases, começando pela iniciação, perpassa pela narração e a fase do questionamento, posteriormente termina com a fase da fala conclusiva.

Jovchelovitch e Bauer (2008) explicam como ocorrem as fases da entrevista narrativa. A primeira fase corresponde à preparação e diz respeito à exploração do campo e a formulação de questões exmanentes, que de acordo com Muylaert *et. al* (2014) são questões da pesquisa ou de interesse da/o pesquisadora/o e surgem a partir da exploração do campo.

De acordo com os autores, logo depois é a fase da formulação do tópico inicial para a narração, com o emprego de auxílio visuais. Subsequentemente ocorre a narração central. Neste momento não pode ocorrer interrupções, a/o pesquisadora/o pode somente encorajar de forma não verbal a/o entrevistada/o, para continuar a narração e aguardar os sinais de finalização.

Jovchelovitch e Bauer (2008) explicam que a fase das perguntas pode ter somente expressões que instiguem a/o narradora/o a continuar o diálogo. A/o pesquisadora/o não pode dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes e nem fazer perguntas como “por quê?”, além de não ser permitido questões exmanentes. Jovchelovitch e Bauer (2008) também discorrem que na fala conclusiva é necessário parar de gravar. Além disso, perguntas como “por quê?” são permitidas e é necessário fazer anotações imediatamente após a entrevista.

A entrevista narrativa proporcionou que as narradoras da presente investigação se sentissem à vontade para falar acerca do fenômeno estudado (a educação popular feminista) de forma livre espontânea. Ademais, a entrevista narrativa foi fundamental para que eu alcance os objetivos metodológicos da presente investigação, ou seja, ter um estudo na perspectiva decolonial e que tenha como ênfase as histórias e vozes das participantes deste estudo.

As mulheres que foram entrevistadas no estudo foram educadoras que tinham no mínimo 3 meses de participação no grupo. As entrevistas ocorreram nos dias 16 e 30 trinta de julho de 2024 e tiveram duração de 20 a 30 minutos. Os diálogos foram gravados por áudio, assim como escritos manualmente. As entrevistas aconteceram por intermédio do aplicativo Google Meet, pois a maioria das entrevistadas não estavam em Belém.

Tive dificuldade em conseguir estes dados, visto que, por conta de algumas modificações nesta investigação, consegui realizar as entrevistas somente no mês de julho e poucas educadoras demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa. As educandas participaram ativamente dos círculos cultura. Desse modo, não foi necessário realizar as entrevistas narrativas com elas, visto que as categorias de análise¹⁷ das entrevistas foram as mesmas do círculo de cultura e uma¹⁸ era específica para as educadoras do PL.

¹⁷ Feminismo decolonial e o Pará Leitura na construção de autonomia e afirmação do direito à educação.

¹⁸ A importância do Pará Leitura na formação das educadoras.

O diário de campo foi uma importante ferramenta para registrar os dados a partir das entrevistas. Minayo (2001) discorre que o diário de campo é um grande aliado da pesquisadora e do pesquisador, visto que nele pode-se registrar concepções da/o estudiosa/o, angústias, questionamentos e informações. Ele contribui diretamente na análise de dados.

2.6 A análise do que foi vivido, olhado, sentido, escrito e a construção de categorias de análise

Os caminhos da análise de dados se deram por meio do olhar, do ouvir e do escrever, assim como por meio da construção de categorias de análise. Oliveira (1996) destaca a essencialidade dessas três categorias, para além disso, o autor discorre que o olhar possibilita que a pesquisadora e o pesquisador consigam observar diversos objetos acerca das vivências de sujeitos de um estudo, como visualizar os espaços que as/os participantes da pesquisa perpassam, assim como, investigar como se dão as interações sociais desses indivíduos com os seus pares em um determinado ambiente. Ainda com base no autor, o olhar possui uma significação específica para uma/um cientista social.

Nesse estudo o olhar possibilitou a observação das vivências das educadoras e das educandas no Pará Leitura (UEPA), bem como proporcionou que fossem visualizadas as relações sociais das participantes no grupo. Além de tudo, o olhar sensível contribuiu na visualização de escritos e imagens presentes na pesquisa documental e na pesquisa bibliográfica.

Oliveira (1996) explica que o olhar e o ouvir são faculdades que possuem uma certa ligação no exercício da investigação. Ademais, o autor acrescenta que uma escuta verdadeira e atenta possibilitará um espaço de partilha entre as/os envolvidas/os de uma pesquisa, ocasionando um ambiente de estudo harmônico e de igual para igual. A escuta atenta e sensível será fundamental nesta investigação no decorrer das entrevistas narrativas, e no momento que eu estiver presente nas ações e reuniões do Pará Leitura (UEPA).

O terceiro momento que fará parte dos trilhares da análise dados refere-se ao escrever. Oliveira (1996) discorre que essa é a fase final da análise e é de suma importância, pois nela o conhecimento se torna mais crítico. O autor também discorre que no momento da textualização, vem à tona o que foi visto e ouvido. Outrossim, ele explica que o ato de escrever é uma parte inerente ao ato de pensar.

O processo de escrita foi fundamental para analisar o que foi observado e ouvido. Nesse momento foi possível articular diálogos entre o que foi lido na pesquisa bibliográfica, e na pesquisa documental, assim como do que foi observado no espaço educativo Pará Leitura (UEPA), com ênfase nas vivências das educadoras populares e das educandas do Egesex. Além de analisar o que foi escrito no diário de campo. Do mesmo modo que, foi possível realizar um diálogo entre todos os materiais da pesquisa com o que foi ouvido de forma sensível nas entrevistas narrativas.

Além disso, os dados foram analisados por meio da construção de categorias de análises. Oliveira e Mota Neto (2011) explicam que a construção de categorias de análises gera reflexões críticas no momento da análise de informações obtidas ao longo da pesquisa. As categorias são divididas entre categorias analíticas e categorias temáticas. Os autores discorrem que as categorias analíticas são conceitos oriundos do referencial teórico, que contribui na análise e interpretação dos dados. Ademais, eles enfatizam que as categorias são divididas de três formas: categorias analíticas iniciais, categorias analíticas emergentes e categorias temáticas.

As categorias analíticas iniciais provêm das primeiras leituras sobre o tema que está sendo estudado, as categorias analíticas emergentes são elucidadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa e podem ser provenientes da pesquisa bibliográfica, assim como do processo de coleta de dados. As categorias temáticas constituem os indicadores de análise, assim como fatores, aspectos, elementos do fato ou situação, que está sendo investigada

No presente estudo, o processo de categorização analítica se deu por meio dos conceitos provenientes do referencial teórico: “educação popular feminista”, “feminismo decolonial” e o conceito de “autonomia”. Em relação as categorias temáticas, elas se deram através da pesquisa teórica e documental, presentes no referencial teórico desta investigação, assim como nos documentos investigados do grupo Pará Leitura, a exemplo, estão os relatórios de atividades do grupo. Ademais, elas também surgiram por meio dos dados, que demonstrem a construção de autonomia e a afirmação do direito à educação das participantes da pesquisa, que fazem parte do Pará Leitura.

2.7 Cuidados éticos

A ética é fundamental na vida dos indivíduos. Freire (2002) discorre que é indiscutível pensar os seres humanos fora da ética, o mesmo ocorre na pesquisa, pois

a ética é essencial para o desenvolvimento de um estudo. Teixeira e Oliveira (2010, p. 10) discorrem que a “ética apresenta um caráter reflexivo e norteia os comportamentos morais.”. Para além disso, as autoras acrescentam que a ética problematiza de forma crítica as situações que dizem respeito à vida.

Ainda de acordo com Teixeira e Oliveira (2010, p. 13) é necessário assumir responsabilidade com e na pesquisa, uma vez que essa responsabilidade é sinônimo de respeitar o outro como cidadão. As autoras acrescentam que ter ética na pesquisa é ter “consciência que o ato de pesquisar não é neutro, constituindo-se em uma ação histórica e ético-política”.

O presente estudo possui como foco a ética com um caráter político, pois de acordo com Teixeira e Oliveira (2010) ela é comprometida com as pessoas excluídas e oprimidas, além de ter como um dos seus princípios o respeito as diferenças dos indivíduos. Esta investigação possui como foco mulheres amazônidas, que vivem em uma sociedade opressora, que as exclui e que as desumaniza constantemente. Desse modo, a ética com um caráter político é essencial neste estudo, visto que ela possui um caráter crítico e libertador.

Os cuidados éticos foram implementados na investigação, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e pela não identificação das educandas do Egesex. Outrossim, é importante reiterar que as educadoras solicitaram que suas identidades fossem expostas ao longo dos escritos desta investigação. Teixeira e Oliveira (2010) explicam que o TCLE assegura que a/o participante da pesquisa tenha conhecimento acerca da voluntariedade de sua presença no estudo.

Para além disso, as autoras destacam que as informações desse termo precisam estar em linguagem adequada em relação aos objetivos do estudo, assim como a respeito dos procedimentos e benefícios esperados da pesquisa, além de reiterar os seus direitos enquanto participante da pesquisa. As autoras também destacam que a não identificação da/o participante é uma forma de preservação de identidade.

Além do TCLE, também acredito que uma relação de bons afetos e confiança precisa ser firmada entre eu (pesquisadora) com as mulheres participantes do estudo. Ao longo das práticas de educação popular do Pará Leitura, pude estabelecer uma relação de confiança, bem como uma relação dialógica com as participantes da investigação. A intencionalidade destas mulheres na pesquisa, diz respeito ao objetivo de dar vozes a elas e as suas histórias, uma vez que são mulheres que possuem histórias repletas de resistência e muita luta.

Dentre as motivações das educandas do Egesex a participarem do estudo, está o desejo de estar dialogando de forma coletiva com outras moradoras da comunidade do Poção, assim como com as educadoras que estavam presentes no momento da aplicação da pesquisa, pois em diversos momentos ao longo do estudo, elas reiteraram o quanto o Pará Leitura é uma fonte de lazer para elas e para as/os suas/seus filhas/os.

3. Se ainda há medo nas histórias de mulheres, haverá resistência e luta coletiva: as tecituras de uma educação popular feminista

*“Se a história é escrita por quem ganha,
isso significa que há OUTRAS HISTÓRIAS!”
Claudia Korol.*

No passado e na contemporaneidade ser mulher é uma tarefa difícil, sobretudo quando os marcadores sociais se tornam latentes, pois os grupos de mulheres sofrem com violências distintas. É importante reiterar que desde sempre o silenciamento das vozes de mulheres vem ocorrendo, seja na história liberal oficial ou em ambientes comuns do cotidiano.

Korol (2007) explica que para além da história liberal oficial existem histórias contra hegemônicas, dentre estas histórias, estão as histórias das mulheres. Ademais, a autora discorre que na história liberal oficial as mulheres só aparecem por acaso, uma vez que o marxismo oficial deixou grandes nomes como o de Frida Kahlo, Alexandra Kollontai, Flora Tristão, dentre outros, apagados. A sensação que perpassa em meu coração é que nascer mulher significa ter que ser 4 vezes melhor do que os homens brancos, cis, e héteros, e mesmo assim ganhar pouquíssimo reconhecimento.

Dentro da história, em casa, nos espaços de trabalho e acadêmicos frequentemente é possível visualizar mulheres que dão tudo de si diariamente, mas possuem trabalhos e histórias apagadas. Contudo, há esperança para vencer um sistema patriarcal e hegemônico, que pode até tentar nos invisibilizar, mas não irá conseguir, sobretudo se a união feminina ocorrer de forma constante na sociedade.

Silva (2020, p. 4) discorre que a partir do olhar do feminismo o patriarcado “se refere a toda dinâmica de construção social e familiar, na qual o homem enquanto patriarca submete todas as outras pessoas da sua família ao seu poder, especialmente as mulheres”. Ademais, ainda de acordo com a autora, socialmente esta forma estrutural de opressão gera mais poder e conseqüentemente privilégios aos homens do que as mulheres.

Para além disso, Lugones (2020) explica que a colonialidade de gênero está atrelada a colonialidade do poder¹⁹, trabalho, raça, sexualidade e acrescento o

¹⁹ Quijano (2005) explica o conceito de colonialidade do poder atrelado ao capitalismo mundial. O autor destaca que a divisão do trabalho se deu historicamente de forma desigual, uma consequência da ideia de “superioridade” da raça branca, visto que esses sujeitos conseguiam alcançar os papéis de trabalhos com condições mais dignas na sociedade.

marcador de classe social. A autora destaca que o período colonial gerou e gera privilégios a homens brancos, heterossexuais e burgueses, assim como para mulheres brancas, heterossexuais e burguesas.

Sendo assim, resistir ao patriarcado e a colonialidade de gênero é uma tarefa primordial na vida de todas as diversas mulheres. Os movimentos de educação popular feminista tornaram-se uma grande referência de resistência nas vidas das mulheres, uma vez que envolve a luta feminina contra o patriarcado, contra o racismo, contra a LGBTfobia, contra o capacitismo, dentre outras formas de opressões. Essa luta não ocorre de maneira individual ou solitária, ela ocorre em união, de forma bonita e afetuosa, pois a força feminina de forma coletiva é sinônimo de poesia.

Os escritos deste capítulo possuem como foco destacar a história dos movimentos de educação popular feminista na América Latina, com ênfase no Brasil e na Amazônia paraense, assim como busca elucidar a presença desses movimentos na contemporaneidade. Ademais, nos trilhares das palavras desta seção, será destacado os significados da educação popular feminista.

3.1. Uma breve história dos movimentos de educação popular feministas na América Latina, com ênfase no Brasil e na Amazônia paraense

Como forma de resistir a estrutura opressora e patriarcal, movimentos de educação popular feminista estão vigentes em toda a América Latina, incluindo no Brasil e na Amazônia paraense. Uma referência nos movimentos de educação popular feminista é a Rede de Educação Popular entre Mulheres (REPEM) do Conselho de Educação Popular de América Latina e Caribe (CEEAL).²⁰

Carvalho e Eggert (2022) destacam que a REPEM foi criada em 1981, com o objetivo de apoiar os movimentos de educação popular de mulheres. Atualmente conta com a colaboração de 108 instituições, organizações e grupos de mulheres que fazem parte dos países:²¹ Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, México, Nicaraguá, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

²⁰ “O CEEAL é uma rede latino-americana de cerca de 200 organizações não-governamentais, situadas em 21 países no nosso continente e que, desde princípios dos anos 1980, vem cumprindo a missão de ser um espaço de articulação e sistematização do movimento de educação popular na América Latina.” (PONTUAL; IRELAND, 2006, p. 9)

²¹ REPEM. **Quiénes Somos?**. Disponível em: <http://repem.org/index.php/somos>. Acesso em: 07 Mai. 2023.

Com base no site da REPEM cada país possui a sua própria organização de trabalho, assim como estabelecem as organizações de coordenações de forma interna e coletiva. Além disso, a página destaca que a Rede é um espaço de diálogo e partilha de conquistas, além de ser um local de escuta no que tange as dificuldades da teoria e da metodologia da educação popular feminista. Além de tudo, um outro objetivo do movimento é contribuir na formulação de critérios básicos para uma educação na perspectiva de gênero.

Caminhando a partir de agora para o Brasil, Carvalho e Eggert (2022) discorrem que a pedagogia feminista e acrescento a expressão educação feminista, dentro dos movimentos sociais²² é frequentemente percebida. A autora destaca alguns movimentos que possuem a pedagogia/educação feminista dentro da sua dinâmica de militância e trabalho, como exemplo está o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A pedagogia e acrescento a expressão educação popular feminista questiona um conjunto de relações de poder. Ademais, é uma pedagogia/educação que da corrente marxista assume as suas críticas ao capitalismo e à dominação. Essa pedagogia é crítica, questiona a religião que oprime e reforça a obediência. Outrossim, ela é uma pedagogia que se torna inconveniente e provoca os feminismos, pois ela faz da crítica e da autocrítica um método. (KOROL, 2007).

O MST possui um grande trabalho de resistência e representatividade feminina dentro do seu movimento. Abreu (2020) destaca alguns movimentos de mulheres que estão presentes no MST, dentre eles está o Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA), que segundo a autora iniciou suas atividades em 25 de julho de 1981, em Chapecó.

A década de 80 foi marcada por uma crise econômica, política e social fortemente incentivada pela crise de dívida extrema, que foi iniciada no final da década de 60. Os anos 70 foi marcado pelo excesso de dívidas e o início dos anos 80 possibilitou o aparecimento de ciclos alternativos de recesso e crescimento (SILVA, 2017).

²² Tilly (2010) destaca que os movimentos sociais são organizações inclusivas, que possuem diferentes interesses. Ademais, o autor elucida que as/os atuantes dos movimentos sociais são pessoas plurais, com histórias de vida e de lutas distintas. Os movimentos feministas são exemplos de movimentos sociais, assim como o movimento negro e o movimento LGBTQIA+.

A autora também discorre que apesar dos ciclos alternativos na década de 80, a crise ainda estava fortemente vigente naquele período, uma vez que a periferia capitalista estava significativamente endividada. Ademais, Silva (2017) elucida que o formato da crise nos anos 80 está ligado ao ciclo de endividamento externo, que envolve o processo de tornar a dívida do estado, gerando a transferência de recursos reais ao exterior. Outra característica da década, de acordo com a autora, é a alta na inflação.

Por fim, Silva (2017) conclui que a estagnação do produto, assim como a regressão do investimento são características presentes na década. Não é difícil imaginar o quanto as mulheres subalternizadas sofreram nesse período, dentre essas mulheres está o grupo das mulheres camponesas. Desse modo, a criação de um movimento popular de mulheres no MST foi sinônimo de resiliência e luta para aquelas que sofriam com as dívidas extremas e conseqüentemente com diversos processos de opressões advindo de uma sociedade capitalista e patriarcal.

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) também é elucidado na pesquisa de Abreu (2020), uma vez que ele faz parte do MST e é um dos símbolos da resistência feminina dentro desse movimento social. A autora destaca que ele foi criado em 2004 (dois mil e quatro) e foi resultado da união de vários movimentos de mulheres do campo que integram à Via Campesina²³, por conta da IV Conferência da Via Campesina.

A chegada dos anos 2000 no Brasil foi marcada por muitas mudanças políticas no país, uma vez que no ano de 2002 ocorreu a passagem do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) para a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula). É importante reiterar que pela primeira vez o Brasil elegeu um homem do povo na presidência, uma vez que os ex-governantes daquele período eram homens provenientes da elite do país.²⁴

Lavinias e Gentil (2018) destacam que o país nos anos 2000 estava marcado por projetos positivos, assim como pelo aumento do salário-mínimo. A pobreza extrema havia sido diminuída significativamente, demonstrando o êxito de programas

²³ Com base em Vieira (2008) a Via Campesina é um contraponto ao avanço das formas de produção capitalista em relação a agricultura em nível mundial. As organizações e membros da Via Campesina lutam contra os organismos internacionais capitalistas e defendem uma proposta de soberania alimentar.

²⁴ MUNDUEDU. (Brasil Anos 2000) – História - ENEM. You Tube, 2017.

como o Bolsa Família²⁵, que é um projeto reconhecido por conseguir retirar milhões de famílias da fome extrema, outro programa do governo Lula, com o foco no combate à fome, é o fome zero. Programas como minha casa minha vida e primeiro emprego também contribuíram para combater a pobreza.²⁶

O governo de Lula não foi isento de críticas e escândalos, assim como de denúncias de corrupções. Insatisfações pela população foram apresentadas em seu mandato. Contudo, é inegável que a presidência de Luiz Inácio foi marcada pela revolução nas vidas das classes populares, das/os camponesas/es e de diversas outras populações oprimidas. A criação do MMC demonstra que os anos 2000 no Brasil também foi um período de fortalecimento dos movimentos de mulheres, com o foco nos princípios da REPEM, ou seja, movimentos que possuem como pressupostos aspectos da educação popular feminista.

Na contemporaneidade existem alguns coletivos com princípios de uma educação popular feminista, que existem há alguns anos na história do Brasil. Algumas autoras dos estudos acerca dos coletivos demonstram estudar acerca da educação popular com mulheres ou sobre a educação popular com feminismos.

Oliveira (2022) em sua investigação destaca um coletivo repleto de luta e resistência entre as mulheres, que trabalha com a perspectiva da educação popular em saúde, a Associação do Coletivo de Mulheres Organizadas do Norte de Minas (ACMONM). A autora discorre que as ações das Mulheres Organizadas do Norte de Minas são uma forma de fortalecimento das convicções decoloniais de resistência e de luta pelos direitos sociais.

A autora também elucida que as mulheres do coletivo são fundamentais para ir contra os efeitos dos modelos econômicos que impactam suas vidas e as vidas dos sujeitos das comunidades que elas estão inseridas. Oliveira (2022) discorre que a população do meio rural do norte de Minas, possui uma trajetória de construção coletiva com pequenas iniciativas e protagonismo na produção do saber popular.

Oliveira (2022) expõe que os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, as ONG 'S, assim como outros movimentos sociais iniciaram suas atuações no Norte de Minas no período de 1970 e 1980. Desse modo, de acordo com a autora, essas organizações

²⁵ GOV. BR PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome**. Disponível em: [Bolsa Família — Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acesso em: 10 Mai. 2023.

²⁶ MUNDUEDU. **(Brasil Anos 2000) – História - ENEM**. You Tube, 2017.

contribuíram para o avanço das ações nas organizações de comunidades de povos tradicionais, colaborando para a auto-organização de mulheres dos movimentos e comunidades, que tiveram atuação expressiva nas organizações.

A autora explica que as mulheres das organizações atuavam em temas relacionados a agricultura, a saúde do campo, assim como a agroecologia. Oliveira (2022) expõe que infelizmente em alguns momentos as organizações colocavam as mulheres em um lugar de subjugação e submissão, uma consequência do patriarcado, que gera o seu reforço.

Com base em Oliveira (2022) o Grupo Saúde Alternativa Natureza e Vida (SANAV) foi criado e formalizado no ano de 2017 pela ACMNOM. O SANAV realizava práticas de saúde populares no município de Porteirinha. Ademais, esse trabalho foi articulado com outros pequenos núcleos que possuíam como integrantes mulheres da ACMOMN. A autora discorre que as práticas das mulheres do coletivo tiveram ao longo da pesquisa princípios da educação popular, uma vez que era um trabalho realizado de forma coletiva e possuía como um dos focos a transformação social nas vidas das mulheres a partir de outros pontos de vista em relação às opressões que elas sofrem.

Um outro exemplo de projeto brasileiro que possui em sua metodologia a perspectiva da educação popular feminista, com base em Santos (2014) é o curso de Promotoras Legais Populares (PLPs), que possui como objetivo à promoção dos direitos das mulheres, com o foco na educação não escolar de adultos.

Santos (2014) discorre que no Brasil, o curso iniciou a organização de suas atividades em 1992, período no qual militantes feministas participaram de uma capacitação legal popular realizada pelo Comitê Latino-Americano de Defesa dos Direitos das Mulheres (CLADEM). A autora explica que no contexto da redemocratização do Brasil a Constituição de 1988 representou e representa uma grande conquista em relação aos direitos individuais e coletivos. Contudo, existiram algumas dificuldades na área jurídica que prejudicaram a efetivação de alguns direitos, sobretudo para as mulheres.

Santos (2014) explica que a partir dos desafios para vencer esses obstáculos, posteriormente à experiência da CLADEM, duas organizações não governamentais feministas começaram os cursos de PLPPs. De acordo com a autora, a primeira experiência foi a da Themis Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero de Porto Alegre _ RS, com sua primeira turma em 1993.

A autora explica que o PLPPs possui três características marcantes, que dizem respeito a formar mulheres para que sejam multiplicadoras dos direitos humanos, sobretudo da população feminina, além disso, busca apresentar uma abordagem multidisciplinar do direito, incorporando em seus tópicos questões de cidadania, relações de gênero, relações de saúde, assim como tem como objetivo ser uma forma de ação afirmativa para mulheres.

Com base em Santos (2014) o curso ocorreu e ocorre em diversos estados e cidades do país, dentre os locais está São Paulo, que teve sua primeira turma em 1994. A partir do estudo realizado pela autora, nessa localidade a educação popular feminista esteve presente na história do curso, uma vez que os conteúdos eram ministrados com base nas realidades das/os participantes, assim como os diálogos buscavam construir identidade de gênero, além de articulações de ações contra as desigualdades e possuía como base a troca de saberes. A autora discorre que em 2013 iniciou a terceira turma do curso PLPs com 57 mulheres inscritas em São Carlos (SP), demonstrando que o curso também está presente na contemporaneidade.

Caminhando para a Amazônia paraense, a educação popular feminista vem resistindo com a presença de diversas mulheres, que fazem parte de vários movimentos sociais, como o movimento de educação popular, os movimentos feministas, o movimento negro, o movimento LGBTQIA+, dentre outros. No ano de 2021, mesmo com o país atravessado pela pandemia da COVID-19, educadoras populares feministas seguiam resistindo na região amazônica paraense e realizaram o I Encontro de Educação Popular Feminista, com o tema “A Urgência de uma Prática Educativa Popular Feminista Antipatriarcal, Antirracista, Anticapacitista e Anticapitalista”²⁷.

O Encontro possuiu alguns objetivos, dentre eles está debater sobre a importância da educação popular na estruturação de uma prática feminista, antirracista, anticapitalista, antipatriarcal, experienciar a metodologia freireana do diálogo, reinventando a tríade criticidade, curiosidade e criatividade, no âmbito das práticas orientadas por uma concepção de educação popular feminista, intensificar a articulação teoria, e prática da educação popular com os feminismos insurgentes na

²⁷ I ENCONTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA DA AMAZÔNIA. **A Urgência de uma Prática Educativa Popular Feminista Antipatriarcal, Antirracista, Anticapacitista e Anticapitalista**. Disponível em: [I Encontro de Educação Popular Feminista da Amazônia \(webnode.page\)](#). Acesso em: 11 Mai. 2023.

América Latina, reinventar práticas de documentação da experiência por meio da produção de Cartas Pedagógicas e outros registros produzidos pela autoria de mulheres que dizem a sua palavra em diversos modos de expressão.²⁸

O evento possuiu como coordenadoras gerais as professoras, pesquisadoras e militantes Adriane Raquel Santana de Lima e Lúcia Isabel da Conceição Silva. Ambas são grandes representantes da educação popular feminista amazônica paraense e desenvolvem pesquisas na área, assim como ações de educação popular feminista.

A partir do estado do conhecimento da presente pesquisa, foi possível encontrar uma investigação realizada na Amazônia paraense, com ênfase na educação popular com mulheres. O estudo de Neri (2018) realizou uma cartografia de saberes de mulheres de uma classe hospitalar, chamada Espaço Acolher da Amazônia paraense, a partir do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA).

Com base em Neri (2018) o NEP realiza atividades pedagógicas no Espaço Acolher. De acordo com a autora as práticas pedagógicas realizadas na classe hospitalar possuem como objetivo assegurar que mulheres vítimas de escarpelamento, assim como suas/seus acompanhantes estejam vinculadas/os ao processo educativo no período que estiverem afastadas/dos de suas casas, uma vez que elas/es são moradoras/es de cidades dos interiores do estado do Pará.

Neri (2018) explica que dois grupos nepianos realizam atividades na classe hospitalar, apesar de elas ocorrerem em horários distintos, ambos os GTs possuem como base as práticas educativas freireanas. As educadoras dos grupos realizam pesquisas, diálogos e reflexões críticas acerca das práticas para conseguir desenvolver as atividades dos grupos da melhor maneira possível.

A autora discorre acerca da proposta pedagógica da classe hospitalar/NEP do Espaço Acolher e alega que ela demonstra aspectos que possibilitam verificar como os saberes das educandas ribeirinhas estão inseridos nas estruturas da metodologia do grupo, que envolve as principais bases filosóficas e educativas acerca do

²⁸ | ENCONTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA DA AMAZÔNIA. **A Urgência de uma Prática Educativa Popular Feminista Antipatriarcal, Antirracista, Anticapacitista e Anticapitalista.** Disponível em: [I Encontro de Educação Popular Feminista da Amazônia \(webnode.page\)](#). Acesso em: 11 mai. 2023.

pensamento de Paulo Freire, a atuação ocorre de forma interdisciplinar e possui como foco a contextualização do currículo para a realidade social e cultural ribeirinha.

Apesar do grupo não trabalhar diretamente com a educação popular feminista, é possível perceber que o GT possui como um de seus focos a valorização dos saberes de mulheres ribeirinhas, atrelada a metodologia da educação popular freireana.

3.2 A luta e a união feminina são refúgio para aquelas que lidam com o patriarcado diariamente: a educação popular feminista

Iniciar esses escritos me gera diversos sentimentos, falar sobre os movimentos de educação popular feminista significa rememorar as minhas lutas, rememorar as palavras de acolhimento que recebi ao longo de minha vida pelas mulheres plurais que conheci em meu cotidiano, em minha família, na academia e nos meus espaços de atuação enquanto educadora. Chegar nos trilhares desse caminho me gera muita gratidão, pois a educação popular e os feminismos me fazem acreditar que sim, ainda há salvação para as dores causadas pelo patriarcado e essa salvação ocorrerá por meio de acolhimento coletivo entre mulheres, assim como pela luta e resistência na educação popular feminista.

Lima e Neri (2021, p. 17) destacam que a educação popular feminista “é um sentimento que invade os nossos corpos”, uma vez que ela é sinônimo de acolhimento e sentimento, pois quando o corpo grita, quando a alma chora de cansaço e de dor, se tu, mulher, recorrerres a ela, ela com certeza irá te abraçar e te acolher.

Existem muitas discussões acerca da educação popular feminista na América Latina. Há autoras que a chamam também de “pedagogia popular feminista”. De acordo com Sáenz e Rapacci (2013) a tensão entre feminismo e movimento popular como campo de luta, resistência e mobilização política instigou as organizações populares, sobretudo as mulheres que trabalham/trabalhavam nelas a buscarem novas explicações para as opressões que afetam mulheres em sua diversidade cultural e social.

Korol (2007) discorre que durante muito tempo as mulheres na política ocupavam lugares secundários, uma vez que constantemente recebiam “elogios” destacando que eram excelentes companheiras de um determinado homem ou até mesmo falas elucidando que elas eram capazes de lutar como um homem, mesmo se dedicando e lutando 3 vezes mais do que um diariamente, pois não precisamos ir

muito longe para notar que a força feminina é a maior força do universo, pois as mulheres vivem em uma sociedade que gera muitas cobranças a todas elas.

A mutilação das nossas rebeliões, a invisibilidade das nossas pegadas, o silenciamento da nossa palavra e o desvelamento, a repressão aos nossos atos subversivos. Presídios, com muros, grades e cadeados, são apenas a expressão mais visível de um sistema que é responsável desde que nascemos pelo aprisionamento de nossa paixão, pelo fechamento de nossas ideias e sentimentos em uma linguagem machista e classista, do silenciamento. (KOROL, 2007, tradução da autora, p. 17).

Uma sociedade tão dura com as mulheres, que as aprisiona e as silencia, exige que os movimentos sociais/populares estejam dispostos a trabalharem com base na educação popular feminista ou como Korol (2007) discorre, uma pedagogia popular feminista, uma pedagogia que busca desorganizar as relações de poder, com o foco em um sentido subversivo revolucionário, uma pedagogia que crítica os pontos de partida, uma vez que precisamos que a história oficial conte as verdadeiras histórias das mulheres.

Saézn e Rapacci (2013) discorrem acerca dos princípios da educação popular feminista com base nas atividades da REPEM, uma vez que ela gera processos coletivos de reflexão e análise entre grupos, visto que as educadoras populares da REPEM trabalham na perspectiva da educação popular “com, de e para” as mulheres. As intelectuais também destacam que a perspectiva da educação entre mulheres impulsiona a educação popular a articular ferramentas de lutas para alcançar os direitos das mulheres. Desse modo, surge a educação popular feminista.

a Educação Popular Feminista é envolvimento, amor, vida, esperança, semente que germina, útero que transborda inúmeras gerações, respeita a natureza enquanto uma educadora amorosa porém detentora de uma disciplina ética, generosa em processos de ensino e de aprendizagem, mas que necessita em troca de respeito, de reconhecimento da sua finitude e da sua capacidade de se regenerar em meio a um parto ecológico que refloresta, purifica as águas, devolve a fertilidade do solo e acalma a fome de quem mais necessita. (LIMA; NERI, 2021, p. 22)

Neste sentido, a educação popular feminista uni forças, acolhimentos e luta entre as mulheres. Ela é sinônimo de respeito com as dores e resistências das diversas mulheres existentes na América Latina, incluindo as mulheres da Amazônia paraense. Lima (2021) elucida que a educação popular feminista é ancestralidade, para além disso, acrescento que ela nos conecta com a mãe natureza, pois a força

feminina das forças maiores também fortalece as mulheres para resistirem ao patriarcado.

Torres (2021) destaca que a educação popular feminista nas suas distintas expressões, se articula por meio dos princípios da educação popular. Ademais, a autora discorre que ela é um campo de construção e possui como protagonistas educadoras populares feministas militantes da América Latina.

Carvalho e Eggert (2022) discorrem que ao considerarmos as mulheres como protagonistas da educação popular, com os seus saberes e fazeres, estamos nos constituindo com pensamentos críticos, políticos e emancipatórios. Imaginar práticas de educação popular feminista em todos os ambientes educacionais e sociais chega a ser utópico. Contudo, esse com certeza seria um dos caminhos para chegarmos em uma sociedade mais justa e acolhedora para aquelas que há anos sofrem com as dores do patriarcado.

Torres (2021) elucida que a educação popular feminista possui metodologias plurais. Contudo, a autora apresenta 3 pilares desta metodologia: o saber a partir da prática, a teorização por intermédio da prática, o terceiro e último pilar se dá por meio do retorno para a prática para assim transformá-la. Seu processo metodológico possui como base a metodologia clássica da educação popular²⁹. Ademais, ela possui fontes políticas e metodológicas provenientes da teologia da libertação³⁰ latino-americana.

A autora também elucida que toda a proposta metodológica da educação popular feminista, é enriquecida por propostas metodológicas dos feminismos, que reivindicam a dimensão pessoal da vida como espaço de transformação, assim como um território de produção de conhecimento. Desse modo, a educação popular feminista possui como sustentação duas bases teóricas e metodológicas revolucionárias, que vão de encontro com as/os oprimidas/os da contemporaneidade e é uma forte aliada de resistência contra o patriarcado.

Outrossim, a educação popular feminista possui como base princípios de feminismo decolonial, uma vez que ela possui como um de seus objetivos acolher e lutar por todas as mulheres, indo contra as formas de opressões de uma sociedade

²⁹ Torres (2021) elucida que a metodologia clássica da educação popular possui como princípios o saber a partir da prática, posteriormente a teorização e o retorno à prática para transformá-la.

³⁰ Noronha (2012) discorre que a Teologia Libertação possui caminhos diferentes dos conceitos tradicionais da Igreja e introduz na história da instituição princípios de igualdade social e direitos humanos, assim como reivindica os lemas: liberdade, igualdade e fraternidade, provenientes da Revolução Francesa.

que ainda é marcada pelas colonialidades e respeita as diversas opressões que as mulheres sofrem de maneira distinta.

Torres (2021) expõe que a educação popular feminista na América Latina possui vínculo com feminismos diversos, como os feminismos negros, indígenas, comunitários, feminismos populares, assim como pensamentos e propostas dos movimentos LGBTQIA+.

À vista disso, a educação popular feminista possui em seu florescer práxis libertadoras, transformadoras e que produzem novas epistemologias,³¹ gerando refúgio e esperança para a ciência, para a educação e para a sociedade contemporânea. Ela é a chave para que os movimentos de educação popular possam cada vez mais serem inclusivos com meninas e mulheres, ocasionando viabilidades para que nossas humanidades não sejam retiradas de nós, apesar de há anos esse evento ocorrer em nossos cotidianos diversos, uma vez que constantemente somos desvalorizadas e sobrecarregadas.

Todavia, a esperança para um futuro mais justo para as mulheres e nossas meninas se dará por meio da união feminina nos coletivos existentes, dentre esses coletivos, estão os espaços educacionais populares. Se a educação popular por si só muda vidas, a educação popular feminista é um ato de grande revolução, que dará voz e transformação na vida de mulheres e meninas.

Sobre ser mulher a partir do meu universo...

Quando vamos conseguir sorrir em um fim de tarde ensolarada sem sentir angústia ou medo? Mas que medo sentimos tanto?

O medo do julgamento, porque não podemos falar e nem nos destacar muito, pois será motivo de comentários negativos.

Medo de ficar tarde e ser perigoso para voltar para casa, pois muitos homens olham nossos corpos como um pedaço de carne.

Medo do abandono por quem amamos, pois desde muito pequenas vemos as mais próximas a nós sendo deixadas sozinhas e sendo julgadas como culpadas.

Medo do nosso trabalho não ser suficiente, pois somos duramente questionadas e cobradas.

³¹Oliveira (2016, p.18) destaca que a epistemologia “é uma disciplina filosófica que reflete criticamente sobre o conhecimento científico”.

Medo de amar uma as outras romanticamente, pois somos vistas como mulheres pagãs quando estamos fazendo o que há de mais bonito, amando.

Por que se colocar uma contra as outras, quando deveríamos dar as mãos uma as outras?

Existe um sistema que tenta nos negar a felicidade, sobretudo quando levamos em consideração as vivências singulares que nós temos.

E quem poderá nos salvar? Os homens que nos machucam? São eles que nos protegem? Eu acredito que não. A esperança e o amor estão em nós mesmas e nos coletivos que lutam por nós. Dentre estes coletivos, está a educação popular feminista, com suas práxis plurais e transformadoras e que pode nos dar um florescer mais bonito no amanhã.

(Beatriz Siqueira, 2023)

4. O Pará Leitura como ferramenta de autonomia e afirmação do direito à educação no Egesex

O Pará Leitura (UEPA) iniciou suas ações no segundo semestre de 2010. Com base em Cordeiro *et al.* (2014) em uma atividade acadêmica, na ilha de Cotijuba, na comunidade de Vai-Quem-Quer. A primeira atividade do grupo envolveu simultaneamente atividades de conscientização ambiental, resgate cultural, incentivo à leitura, ludicidade, construção linguística e contação de histórias. Ainda de acordo com as autoras, no dia 13 de março de 2012 foi dado início das atividades do grupo Pará Leitura na comunidade do Poção.

Ademais, Teixeira (2020) explica que o grupo Pará Leitura (UEPA) iniciou sua história por meio da professora Ma. Izilda Cordeiro e estudantes da Universidade do Estado do Pará. Tendo em vista que seus princípios se aproximavam do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), em 2019 o grupo se vinculou ao NEP. Contudo, no ano de 2024, o Pará Leitura se tornou um grupo independente e se desvinculou do NEP.

Cordeiro *et al.* (2014) dissertam que após um ano de ações ocasionais, as atividades reiniciaram, gerando o fortalecimento do grupo. A partir do fortalecimento organizacional do Pará Leitura, surgiram três eixos que direcionaram a proposta do grupo: 1) Educação Ambiental, 2) Educação, Leitura e Ludicidade e 3) Educação Sexual.

O grupo ressurgiu com 12 acadêmicos dos 32. Atualmente esses eixos tornaram-se Grupos de Estudos e Trabalhos (GTs), denominados como: Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana, Gênero e Sexualidade (Egesex), Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Ambiental (Eduamb) e Grupo de Estudo e Trabalho de Letramento, Ludicidade e Lazer (LLL).

Os GTs atuam com educandas e educandos da educação infantil, jovens, adultas/os e idosas/os. O Egesex, GT, que é lócus deste estudo, possui como foco educandas mulheres adultas da comunidade do Poção. Sua ênfase está em discussões acerca das temáticas de gênero e sexualidade, atreladas à perspectiva da educação popular freireana.

Outrossim, é importante reiterar que a educação popular no campo, que é um dos focos do Pará Leitura, é sinônimo de muitas lutas e resistências. A partir do pensamento de Silva (2020) a educação no campo é resultado de lutas sociais de trabalhadores do campo. O Pará Leitura é uma referência em resistência na educação

popular do campo. O grupo segue resistindo para garantir uma educação crítica e libertadora para a comunidade do Poção, assim como tem buscado assegurar direitos fundamentais para a população que reside na comunidade.

Os escritos deste capítulo irão destacar a história do Grupo de Estudo e Trabalho (GT), Egesex, assim como irá destacar como o Pará Leitura contribui no processo de libertação e autonomia de educandas e educadoras do Egesex. Ademais, o texto também irá expor as contribuições do PL para assegurar educação e direitos básicos na comunidade do Poção.

4.1 Voltando ao passado para compreender o presente: a história do Egesex

Neste item, será destacada a história do Grupo de Estudo e Trabalho (GT), Egesex. A história será contada a partir das memórias da fundadora e coordenadora do grupo, a professora Gabriela Faval. Ocorreu um diálogo coletivo acerca do Egesex, no dia 30 de julho de 2024, com as educadoras do GT. No primeiro momento, eu realizei uma exposição acerca da educação popular feminista no Egesex. Apresentei o conceito para o grupo, assim como dialogamos sobre a presença da educação popular feminista nas práticas do GT.

Após este momento, perguntei sobre a história da professora Gabriela Faval no grupo. A professora preferiu falar sobre o assunto com todo o GT, para que todas as educadoras presentes tivessem conhecimento acerca da história do Egesex. A educadora Gabriela faz parte do Pará Leitura desde a sua fundação. Ela iniciou destacando alguns momentos marcantes na sua trajetória no grupo.

Em 2010 tem a ideia de continuar, tivemos um resultado positivo, a comunidade gostou, pedindo livros no lugar de brinquedos, a quantidade de crianças, nós levamos 270 crianças. Vamos continuar? Vamos! Vamos instituir o Pará Leitura, Pará Leitura Vai-quem-quer. O que vai ser feito agora? Vamos mapear a comunidade. Vai um grupo mapear, lá vai a gente se enfiar no meio do mato, a gente ia 2h dá casa da Izilda até lá andando, saímos 6h da manhã para chegar às 08h e voltávamos, e as crianças iam junto e a Rafaela³² era uma das crianças que caminhava junto, comendo taperebá no caminho e brincando, a gente ia distraíndo eles, chegávamos destruídos, mas era algo que dava um prazer tão grande, que a gente não conseguia parar.

Ademais, a educadora destacou que pesquisava sobre gênero e sexualidade na graduação. Na sua defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a professora

³² A Rafaela é filha da educadora Gabriela e educadora do Egesex na atualidade.

Izilda Cordeiro, assim como a professora Ivanilde Apoluceno, a convidaram para desenvolver seus estudos no Pará Leitura e no NEP. No NEP, ela trabalharia com as escolas urbanas e no Pará Leitura ela desenvolveria a sua pesquisa nas escolas ribeirinhas.

A educadora também relatou que o Egesex surgiu após a fundação do Pará Leitura, no ano de 2013, e o GT iniciou a partir das demandas das mulheres da comunidade do Poção, pois elas relataram que desejavam ter um espaço seguro para dialogar somente entre mulheres.

Então o Egesex começou com o Edusex, educação sexual, ele entra como um eixo de educação sexual dentro do Pará Leitura, com base em tudo o que tava no meu TCC³³ e no TCC eu organizei a ideia para 4 escolas de Belém. Eu trago isso no TCC e levo para o Pará Leitura, toda a metodologia estava no TCC. No NEP eu trabalharia com as escolas Urbanas e no Pará Leitura com as escolas rurais e ribeirinhas. Me disseram assim, você não vai conseguir diferenciar um do outro. Aí aconteceu do Edusex ficar sem integrantes, a gente se integra ao NEP sem integrantes, estávamos com poucos integrantes. Aí sugeriram, porque você não unifica, aí foi que eu unifiquei os dois, foi quando as mulheres vieram e falaram, nós queremos um espaço para nós, foi quando o Pará Leitura perguntou se alguém do grupo tinha condições de trabalhar com elas, então nós começamos a trabalhar com as mulheres.

A nossa prática era feita a partir do cotidiano delas, no dia a dia. Lembrando que a gente começou trabalhando com crianças, nós não começamos trabalhando com as mulheres, né, o que era muito mais difícil, porque não tem como prever o que irá acontecer em uma prática com crianças, pois elas podem ou não fazer aquilo que você idealizou, se elas seguirem ok, mas se elas não seguirem, você tem que ter um plano B guardado no bolso, porque se você não tiver um plano B, você perdeu um dia, você perdeu um momento, a gente não tinha como perder, pois era só aquele momento, não sabíamos quando teríamos dinheiro novamente para voltar. Depois de ir lá, dar a cara a tapa e ver o que deu certo, o que deu errado, era que nós iríamos para os teóricos.

Desse modo, assim a base teórica do GT começou a ser construída. Outrossim, também perguntei para a educadora a base teórica e metodológica principal do grupo atualmente. Ela relatou que o GT possui os pressupostos teóricos e metodológicos freireanos. Contudo, a educadora reiterou a importância da renovação das teorias, enfatizando que Paulo Freire sempre estará na base teórica e metodológica do grupo. No entanto, ela destacou que o Egesex exige que as educadoras e os educadores do

³³ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

grupo se apropriem das discussões do feminismo negro, do feminismo ribeirinho, do feminismo amazônico e do feminismo comunitário.

Ademais, ao longo do diálogo a educadora também reiterou a importância de o GT estar pesquisando sobre o debate do feminismo negro. Inclusive, após a conversa sobre a educação popular feminista, a educadora realizou um estudo com mais 4 integrantes do Egesex acerca do feminismo negro, visto que as educandas do grupo são mulheres negras. Com base no pensamento de Hollanda (2020), o feminismo negro é fruto da experiência de ser negro, além da experiência vivida através do gênero e de ser mulher.

Além disso, a autora também elucida que o Brasil reconhece a importância da cultura e das tradições africanas. Contudo, ele não se reconhece como um país afro-indígena. Desse modo, percebe-se a importância de realizar o debate acerca do feminismo negro na comunidade do Poção, sobretudo porque o espaço possui uma grande representatividade afro-indígena.

Ao longo da minha pesquisa de campo, pude perceber alguns relatos acerca do racismo afetando mulheres da comunidade. Tendo em vista a preocupação do Pará Leitura em superar as problemáticas apresentadas por nossas/os educandas/os, futuramente o GT realizará discussões com as mulheres do Egesex, acerca do feminismo negro e ribeirinho.

Outrossim, penso que o ecofeminismo seja um importante aliado para as educadoras e as educandas do grupo, uma vez que a partir do pensamento de Hollanda (2020), o ecofeminismo possui preocupações em relação a redução de impactos socioambientais a partir de conhecimentos tradicionais, bem como por formas de organização social.

Após o diálogo acerca da base teórica e metodológica do projeto, a educadora Gabriela realizou uma problematização acerca do desenvolvimento de pesquisas no Pará Leitura. Segundo a educadora Gabriela Faval:

O retorno à prática é essencial, é o que todas, todos eles reclamaram. Muitos acadêmicos iam, investigavam, produziam, publicavam, apresentavam e nunca mais pisavam na comunidade. Eles se sentiam objetos de pesquisas. Eles não são sujeitos de pesquisas, são interlocutoras e interlocutores. A nossa prática precisa ter retorno, pois sem esse retorno ela não terá transformação... Nós precisamos dizer para eles o que nós estamos fazendo.

Torres (2021) destaca a importância do retorno a prática para assim transformá-la, uma vez que este é um dos princípios da metodologia da educação popular feminista. Ademais, retornar à prática significa querer bem às educandas e os educandos, pois é olhá-las/os como protagonistas de suas histórias, como interlocutoras/es que necessitam saber acerca dos seus protagonismos na pesquisa e na academia, é sinônimo de ética e de amorosidade. Outrossim, com base em Freire (2002) querer bem as/os educandas/os é um dos princípios da metodologia da educação popular, que faz parte da metodologia da educação popular feminista.

Ao longo do diálogo, foi possível perceber o amor da educadora Gabriela pelo Egesex. Ela destacou o quanto o grupo faz parte de sua vida, que ela pesquisa acerca da temática educacional do GT desde a sua graduação.

O Pará Leitura é uma vida e o Egesex é a minha vida, porque ele teve dois grupos que estavam separados que depois ficou juntos, que vem desde a graduação, a mesma linha. Se vocês pegarem o meu TCC, pegarem a minha especialização, pegarem a minha dissertação de mestrado, vocês vão ver que elas seguem uma sequência. Tanto que eu vi agora no mestrado essa parte da empoderação, uma ideia que estava na dissertação e eu a trouxe também pro Pará Leitura. Eu acredito que eu já estava fazendo isso, eu só não tinha organizado a estrutura do conceito, mas isso já estava e é aquela ideia que eu lidero o meu mundo e dentro desse meu mundo, eu sou um círculo, eu sou ultrapassada pela minha história, pela minha história familiar, pela minha história social, pela minha religiosidade, pela minha cultura, pela minha linguagem, mas eu só consigo acessar o meu poder interno, quando outra mulher, de outro círculo me fala porque que ela é forte.³⁴

Desse modo, a transformação das educadoras do Egesex se dá quando as mulheres da comunidade do Poção são ouvidas. A educadora também relatou: “O nosso poder é acessado quando elas verbalizam o poder delas e quando nós verbalizamos o nosso poder, o poder delas aparece”.

Cruz (2018) destaca a importância de as mulheres reconhecerem as opressões que perpassam em seus cotidianos, que as inserem em um estado de subordinação. Opressões estas, que são pautadas na ideologia de dominação masculina. Tendo em vista todas as violências que estes processos geram, as mulheres precisam converter-se como suas próprias defensoras, uma vez que o patriarcado tende a impor que elas necessitam ter uma dependência masculina, sobretudo, uma dependência afetiva masculina.

³⁴ As entrevistas foram descritas exatamente da forma que as entrevistadas destacaram em suas falas.

Sendo assim, dialogar acerca das opressões que perpassam as vidas das mulheres, reiterar sobre o poder que elas possuem, é fundamental para que elas “acessem o seu poder”, para que elas possam ter autonomia para lutar contra as opressões que perpassam seus cotidianos, sobretudo no contexto ribeirinho.

Outrossim, é importante reiterar que o contexto ribeirinho gera muitos desafios nas vidas das educandas, mas também nas vidas das educadoras. As educadoras Caroline e Monique³⁵ relataram que um dos maiores desafios que elas enfrentam para realizar o trabalho de educação popular no Egesex, é referente a travessia do trapiche³⁶ de Icoaraci até a comunidade do Poção, visto que não são em todos os meses que o Pará Leitura consegue acesso a embarcações gratuitas para as educadoras e os educadores. A partir das vozes da educadora Monique:

O maior desafio por desenvolver atividades em uma localidade tão distante, é fazer as ações. Temos uma vontade de ir até lá, fazer um projeto, desenvolver o letramento no geral, mas a distância, a dificuldade de chegar lá, principalmente a questão financeira. Quando a gente vai em alguma ação, sempre tem a sensação de instabilidade, voltada para a embarcação. Então, eu vejo o maior obstáculo o acesso, a forma até chegarmos lá... A frequência de estar lá.

A educadora Caroline também destacou um desafio relacionado ao analfabetismo funcional de algumas educandas, quando mencionei o tópico de desafios como educadora durante a entrevista.

Acho que no começo ver, é mais tipo com relação a elas e tal, ver metodologia pra elas, ver quais acertos e tal, ver mais o que gira em torno. Ver como conseguir fazer com que elas se comuniquem melhor. A gente vai só uma vez no sábado, se tivesse, tipo assim, pra gente conseguir trabalhar nesse analfabetismo funcional, a gente teria que ir todos os sábados, então tipo, é complicado pra gente porque a gente precisa ter dinheiro pro transporte. Então acho que essa parte do educadora que é difícil.

Quando o grupo consegue embarcações gratuitas, ocorre uma parceria com uma educadora do PL, que trabalha em uma escola localizada na ilha de Cotijuba. Além disso, o grupo também realiza vendas de lanches na UEPA, assim como organiza rifas, para arrecadar dinheiro para pagar as embarcações quando não

³⁵ As educadoras Monique e Caroline começaram a realizar práxis educacionais no Egesex no ano de 2024. Ambas são estudantes do curso de graduação de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

³⁶ O trapiche de Icoaraci é o local, o qual geralmente as educadoras e os educadores do Pará Leitura esperam as embarcações para ir para a ilha de Cotijuba.

conseguem parcerias com a escola de Cotijuba. Fazer educação popular é um desafio, sobretudo quando se fala acerca da educação popular no campo. Sendo assim, o Pará Leitura é sinônimo de luta, amorosidade e resistência na educação popular do campo, assim como resistência no campo da pesquisa educacional.

Um dos tópicos das entrevistas narrativas foi acerca de aprendizados que poderiam ter contribuído nas vidas das educadoras enquanto mulheres e educadoras. Foi possível perceber o quanto grupo contribuiu de forma positiva na vida da educadora Caroline.

O aprendizado da cultura deles mesmo. Eu gostei muito quando veio a enfermeira e elas falaram de alguns remédios naturais, porque isso mostra os aprendizados delas. Gostei muito, até gostaria de pesquisar mais, elas faram muito de remédios, do coco dourado que é bom pra dor de cabeça e tal. Também o que eu achei muito legal e que eu sei que é sábado, as vezes quer descansar e elas sempre estão lá comprometidas, mesmo sendo tímidas, dá pra ver que elas querem participar.

Eu tinha até pedido autorização pra fazer um artigo sobre isso, porque abordou muito o tema de tanto os saberes delas medicinais, quanto a falta de informações do próprio corpo, então tipo, deu muita coisa, informações sobre que elas não entendiam.

Foi possível perceber o quanto o grupo Egesex contribuiu de forma positiva na vida da educadora Caroline, permitindo que ela pudesse conhecer os saberes das educandas acerca das ervas medicinais, assim como instigando a educadora a mergulhar cada vez mais no universo da pesquisa.

A educadora Monique também compartilhou as contribuições positivas do Egesex em sua vida.

Então, o aprendizado muito grande, é principalmente em relação as experiências das mulheres. Uma coisa que acrescentou muito em mim enquanto mulher, foi quando a gente dividiu, porque nas vezes que a gente vai conversar com essas mulheres, a gente precisa falar um pouco sobre a gente, para que elas criem uma conexão para que elas se sintam confortáveis para falar sobre elas também. Então, é sempre muito bom quando eu posso falar e eu percebo no olhar delas a empatia, a atenção e o cuidado. Então, eu me sinto segura também... Elas também proporcionam aquele espaço seguro para que eu possa compartilhar qualquer coisa.

A educadora também destacou que ela aprendeu a calar para ouvir as educandas. Sendo assim percebe-se o quanto o Egesex é um espaço de escuta, amorosidade, acolhimento e de troca de saberes. Possibilitando acesso a processos de libertação e de autonomia nas vidas das mulheres do grupo.

4.2 No remanso das águas da libertação e da autonomia

Neste item serão destacadas as vozes das educandas e das educadoras do Pará Leitura, que fazem parte do GT Egesex. Os relatos das educandas e das educadoras são provenientes da pesquisa de campo deste estudo, que ocorreu na comunidade do Poção, localizada na ilha de Cotijuba, Belém/PA.

A primeira fase da pesquisa de campo ocorreu no dia 06 de abril de 2024. Esta foi a primeira ação do PL do ano. Os GTs LLL e Eduamb estavam realizando a pesquisa socioantropológica³⁷, com o objetivo de alcançar informações importantes sobre a comunidade, assim como os grupos também possuíam o objetivo de encontrar possíveis temas geradores³⁸ para serem trabalhados ao longo do ano.

Fotografia 5- Educadoras/es Pará Leitura



Fonte: Nunes (2024).

Na fotografia acima encontram-se as educadoras e os educadores que participaram da ação do dia 06 de abril de 2024. Estavam presentes no encontro estudantes de graduação de diversos cursos de licenciatura da UEPA, bem como estudantes do curso de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Também estavam na ação educadoras formadas nos cursos de Pedagogia e Letras Língua Portuguesa.

No dia 06, o Egesex estava composto pelas educadoras Beatriz Siqueira, Caroline Silva, Monique Lobato e Karolina Costa. O título da atividade foi “*No remanso das águas da sua história*”. O objetivo geral do encontro foi compreender as histórias de vidas das educandas do Egesex, com ênfase em suas histórias no grupo Pará Leitura. Em relação aos objetivos específicos, estava identificar os desafios de ser

³⁷ Com base em Franco *et al.* (2020) a pesquisa socioantropológica pode ser configurada como uma abordagem qualitativa de caráter investigativo em relação ao conhecimento da realidade.

³⁸ A partir do pensamento de Freire (1987) os temas geradores dizem respeito ao pensamento e a linguagem dos seres humanos, em relação à realidade, suas percepções acerca dela e suas concepções de mundo, envolvendo todos os indivíduos.

uma mulher moradora da comunidade do poção, assim como analisar as histórias e participação das educandas no grupo Pará Leitura.

Fotografia 6- Educadoras - Ação pedagógica Egesex



Fonte: Nunes (2024).

Na fotografia acima encontram-se as três educadoras que contribuíram na aplicação da presente pesquisa, junto comigo, no dia 06 abril de 2024. De blusa amarela clara está a Karolina, de blusa azul marinho está a educadora Caroline, de blusa branca sou eu (Beatriz) e de blusa laranja encontra-se a educadora Monique.

No primeiro momento ocorreu a organização do círculo de cultura por meio das educadoras. No segundo momento houve a apresentação da presente pesquisa, assim como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Outrossim, é importante reiterar que as educadoras destacaram a importância de as educandas saberem do que se tratava o termo antes delas assinarem. As educandas que não são alfabetizadas ou que possuem analfabetismo funcional³⁹ tiveram uma atenção maior neste momento.

³⁹ Com base em Wood Jr (2013) o analfabetismo funcional está ligado a indivíduos que não conseguem interpretar textos ou realizar operações matemáticas mais elaboradas, mesmo que eles consigam identificar letras e números.

Fotografia 7 - Ação pedagógica Egesex



Fonte: Nunes (2024).

Na fotografia acima, estão as educandas e a educadora Monique no círculo de cultura, no momento que ocorreram as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No terceiro momento ocorreu a apresentação das educadoras e das educandas, com base no nome, idade e atividade que elas mais gostavam de fazer. Além disso, é importante reiterar que 15 educandas participaram deste momento. Ademais, é importante reiterar que ao longo dos escritos desta seção, iremos utilizar nomes fictícios para preservar a identidade das educandas que participaram desta investigação.

No quarto momento ocorreu um diálogo sobre as opressões que perpassam as vidas das mulheres, por conta do patriarcado. Neste momento as educadoras iniciaram destacando algumas opressões que perpassam em suas vidas. Eu iniciei relatando sobre a sobrecarga de trabalho, pois em muitos momentos as mulheres possuem jornadas duplas e até mesmo triplas de afazeres, tendo que trabalhar fora de casa, dentro de casa com atividades domésticas, que são explicitamente desvalorizadas. A educadora Monique também destacou o quanto muitas mulheres ficam designadas pelo papel de cuidadoras de seus familiares.

Desde a infância somos incentivadas com brinquedos, como panelinhas, jogos de fogão, bonecas, dentre outros materiais a sermos cuidadoras e donas de casa. Com base em uma matéria realizada pelo jornal G1 no ano de 2023, o tema da Redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2023 foi "Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no

Brasil⁴⁰. O tema foi importante para gerar reflexões acerca deste assunto, que perpassa na sociedade historicamente e na contemporaneidade. A partir do pensamento de Melo (2009) as responsabilidades de cozinhar, cuidar das crianças, idosas/os e doentes, recai nas mulheres. Ainda com base no autor, estas atividades são denominadas como trabalho doméstico.

Ao longo da atividade algumas educandas destacaram o quanto a sobrecarga de trabalho está presente em suas vidas. Após o diálogo das educadoras sobre algumas das muitas opressões que perpassam os cotidianos das mulheres, foi realizada uma dinâmica da “caixinha da libertação de opressão”. Nesta caixinha as educandas poderiam pôr, desenhos ou relatos que remetesse aos desafios de ser mulher, dando ênfase nos desafios de ser uma mulher moradora da comunidade do Poção. Alguns dos desafios referentes a sobrecarga de trabalho foram destacados pela educanda Sol⁴¹:

*Tenho muitos desafios no meu dia a dia. Cuidar dos filhos, da casa. Levar minha mãe ao médico, meu pai, filhos, esposo e eu mesma para o médico, ainda tem escola dos filhos. Tem os problemas que surge inesperados. Tem a igreja, viagem para a cidade e muitas outras coisas e como mulher damos conta de tudo isso e muito mais...tem meu trabalho que é pescadora.*⁴²

Melo (2009) expõem que a invisibilidade do trabalho doméstico é desvendada no plano simbólico quando os afazeres domésticos são caracterizados como um trabalho complementar, invisibilizando a sobrecarga de um trabalho desgastante e que insere as mulheres em colocações desprivilegiadas, na corrida imposta pela sociedade capitalista.

A educanda Alice também destacou alguns desafios que perpassam a sua vida enquanto mulher moradora da comunidade do Poção, dando ênfase nas relações de trabalho das mulheres.

⁴⁰ G1, 2023. **Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil.** Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2023/noticia/2023/11/05/tema-da-redacao-do-enem-2023-e-desafios-para-o-enfrentamento-da-invisibilidade-do-trabalho-de-cuidado-realizado-pela-mulher-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 13 mai. 2024.

⁴¹ Serão utilizados nomes fictícios para preservar as identidades das educandas no momento que os relatos forem expostos.

⁴² Os relatos das educandas foram escritos exatamente da forma que elas destacaram no papel da caixinha da “libertação da opressão”, sem seguir a norma gramatical padrão.

Ser mulher é um desafio e tento cuidar da casa, ser filha, ser mãe. As vezes a gente chega cansada de algum lugar, saímos cedo de casa, e deixamos a casa toda bagunçada, louça, roupa, casa pra varrer, e quando chegamos, só queremos tomar banho e descansar, mais quem disse que é assim, é comida pra fazer, louça pra lavar, casa, etc.

Ambos os relatos destacam a sobrecarga de trabalho doméstico das mulheres, que em um contexto do campo, também está presente nas vidas das moradoras da comunidade do Poção. Biroli (2018) discorre que as mulheres possuem tarefas e responsabilidades que os homens são liberados. Desse modo, os homens driblam o tempo e a energia que estas tarefas requerem.

A partir dos relatos destacados, foi possível perceber que as mulheres da comunidade possuem uma consciência crítica acerca da sobrecarga de trabalho, que infelizmente ainda faz parte das vidas das mulheres na contemporaneidade, reconhecendo que esta forma de opressão se faz presente em suas vidas. Na comunidade do Poção, as mulheres precisam dar conta do trabalho que contribui com o sustento da casa, como a pesca, cuidam das filhas e dos filhos, dos esposos, dos familiares e possuem uma intensa rotina de trabalho doméstico.

Além disso, precisam lidar com o cansaço em relação ao transporte para chegar no centro de Belém, quando precisam de consultas médicas ou necessitam resolver problemas no centro da cidade, como o recebimento de pagamentos de programas sociais de auxílio financeiro.

Outra questão importante pontuada na atividade do dia 06, foi em relação a casos de assédio sexual. Contudo, os relatos das educandas serão preservados por questões éticas. Quando foi destacado sobre as opressões que perpassam o cotidiano das mulheres, algumas educadoras destacaram relatos de assédio que infelizmente já ocorreram em suas vidas.

De acordo com um estudo realizado pela Folha de São Paulo⁴³, em 2023, no ano de 2022, os casos de assédio aumentaram em 49,7% e de perseguição, 74,2%. Além disso, a Folha também destaca que com base no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, os crimes sexuais aumentaram no ano de 2022.

⁴³ FOLHA DE SÃO PAULO, 2023. **Brasil tem alta de assédio, perseguição, importunação sexual e divulgação de imagens íntimas**. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/brasil-tem-alta-de-assedio-perseguiacao-importunacao-sexual-e-divulgacao-de-imagens-intimas.shtml#:~:text=Levantamento%20mostra%20que%2C%20em%202022,de%20perseguir%C3%A7%C3%A3o%2C%2074%2C%25&text=Os%20crimes%20sexuais%20aumentaram%20em,quinta%2Dfeira%20\(20\)](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/brasil-tem-alta-de-assedio-perseguiacao-importunacao-sexual-e-divulgacao-de-imagens-intimas.shtml#:~:text=Levantamento%20mostra%20que%2C%20em%202022,de%20perseguir%C3%A7%C3%A3o%2C%2074%2C%25&text=Os%20crimes%20sexuais%20aumentaram%20em,quinta%2Dfeira%20(20)). Acesso em: 18 julh. 2024.

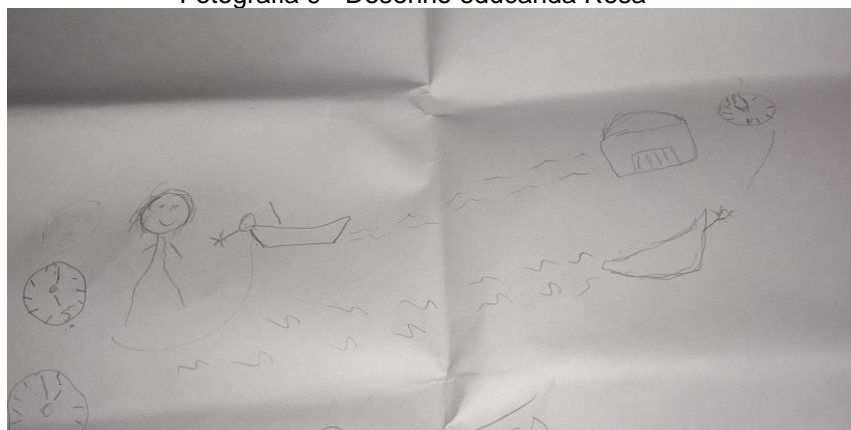
A partir do pensamento de Torres (2021) a educação popular feminista possui os princípios da educação popular. Dentre os princípios da educação popular freireana, a partir do pensamento de Freire (2002) está a liberdade, a criticidade, a autonomia, pois estas são formas de fazer as/os educandas/os se libertarem das opressões do sistema moderno colonial.

A partir dos relatos das educadoras e de atividades já trabalhadas no Egesex, foi possível perceber que algumas educandas do Egesex notaram que já passaram por situações de assédio sexual, assim como se sentiram à vontade para relatar sobre os ocorridos. Sendo essa uma forma de alertar e demonstrar que estas opressões fazem parte das vidas das mulheres, independentemente do espaço que elas perpassam e de suas idades.

Desse modo, ao realizar minha pesquisa, pude perceber alguns dos muitos desafios que as moradoras da comunidade do Poção enfrentam no seu dia a dia. Opressões estas que serão dialogadas com o grupo do Egesex, para serem discutidas de forma dialógica e crítica, com o intuito de solucionar a problemática ou diminuir os problemas mencionados.

Outra questão mencionada pelas educandas como um desafio em ser moradora da comunidade do Poção, foi o desafio em conseguir acesso à saúde. A educanda Rosa relatou os desafios de conseguir ter acesso a saúde, uma vez que a travessia de Cotijuba até o trapiche de Icoaraci é muito cansativa. A educanda relatou que precisa acordar cedo para pegar o barco e passa horas aguardando no hospital para conseguir uma consulta, posteriormente precisa voltar para casa e pegar o barco novamente, retornando para a sua residência exausta após todo o percurso.

Fotografia 9 - Desenho educanda Rosa



Fonte: Nunes (2024).

Na fotografia 9 está o desenho realizado pela educanda Rosa. Ela me explicou que os relógios indicavam o tempo de travessia do rio para conseguir atendimento médico, assim como o tempo que ela passa aguardando para conseguir uma consulta. No desenho também possui uma mulher, que acredito que seja a representação dela. Também é possível visualizar o rio e acredito que a casa da educanda.

O Brasil é um país com um Sistema Único de Saúde (SUS) de suma importância para a população brasileira. Contudo, este sistema ainda possui muitas lacunas, sobretudo quando falamos em comunidades que estão afastadas dos grandes hospitais dos centros das cidades. A população da comunidade do Poção passa por muitos desafios, sobretudo atrelados a questões financeiras.

Jesus (2014) destaca que o custo dos gêneros alimentícios se torna uma prioridade e eles impedem a realização de sonhos, como até mesmo o sonho de ter acesso a saúde de qualidade e com facilidade. Ademais, é importante reiterar que o fortalecimento de políticas de saúde pública é essencial nas ilhas, comunidades e interiores, pois este é um direito básico e deveria ser de fácil acesso à todas/os.

Outrossim, ao longo da atividade todo o grupo do Pará Leitura perguntou para as educandas o que elas desejam ver mais na comunidade por meio do Pará Leitura, elas relataram que desejavam dialogar mais com o grupo das mulheres sobre os temas discutidos pelo Egesex, sobretudo com ênfase no incentivo a autonomia delas para terem acesso a trabalho, por meio do artesanato. O PL sempre busca incentivar a autonomia das educandas, por meio do acesso de direitos básicos, como saúde, educação, trabalho, lazer, assim como na realização de reflexões críticas e libertadoras acerca da sociedade contemporânea.

Para Freire (2002) é por meio da convivência amorosa com as educandas e os educandos, assim como na postura curiosa e aberta, combinada a provocar os sujeitos a se assumirem enquanto sujeitos sócio-históricos-culturais do ato de conhecer, é que se pode falar do respeito à dignidade e da autonomia da educanda e do educando.

No Egesex, as atividades são organizadas com o foco em inserir as educandas enquanto protagonistas de suas histórias, respeitando os seus saberes, realizando questionamento e desvelamentos das opressões que perpassam em suas vidas, visto que com base em Korol (2007) a pedagogia popular feminista e acrescento a expressão educação popular feminista, vem desorganizar as relações de poder que estão presentes no sistema moderno colonial.

Para além disso, é importante reiterar que o GT segue a metodologia da educação popular feminista destacada por Torres (2021), o saber a partir da prática para assim teorizar sobre ela e retornar ao ambiente educacional para realizar a transformação social. O grupo analisou, a partir das atividades realizadas pelo PL, que a comunidade do Poção estava precisando de atividades com ênfase no acesso à saúde, assim como ao acesso de direitos básicos, como acompanhamento jurídico.

Sendo assim, no dia 22 de junho de 2024, o Pará Leitura realizou uma ação em parceria com a Cruz Vermelha da Secretaria de Estado da Saúde do Pará (SESPA) e da Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social (SEGUP)⁴⁴, com ênfase em atendimentos de saúde, a exemplo estão consultas com nutricionistas, assim como testes rápidos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), vacinação de crianças, adolescentes e adultos, atendimento jurídico, com ênfase em orientações acerca de problemáticas que poderiam estar atingindo as/os moradoras/es da comunidade.

Estive presente nesta ação e as educandas do Pará Leitura reiteraram que estavam muito felizes com este momento na comunidade, pois foi a primeira ação com ênfase em atendimento de saúde e jurídico na comunidade do Poção. A educanda Ana Flor destacou que as/os moradoras/es da comunidade são esquecidas/os, que ocorriam ações com ênfase em atendimento à saúde, mas em outras comunidades da ilha de Cotijuba.

Com isso, várias educandas relataram que chegavam nas comunidades e os atendimentos já estavam acabando. Ademais, relataram que o deslocamento de uma comunidade para outra era muito desgastante. As moradoras reiteraram que desejam muito que ações como estas sejam realizadas novamente na comunidade do Poção, sobretudo com atendimento médico e ortodôntico.

Fotografia 10 - Ação em Parceria com a Cruz Vermelha

⁴⁴ Com base nas redes sociais da Cruz Vermelha Brasileira do Pará, a Cruz Vermelha possui como missão alcançar a humanização e amenizar o sofrimento humano no estado do Pará. CRUZ VERMELHA, 2024. **Instagram.** Disponível em: https://www.instagram.com/cruzvermelhabrasileira_pa?igsh=MXB5em01bHNqdHNsdg==. Acesso em: 23 julh. 2024.



Fonte: Mendonça (2024).

Na fotografia 10 encontram-se as educadoras e os educadores que participaram da ação em parceria com a Cruz Vermelha. Esta fotografia foi realizada quando as educadoras e os educadores chegaram na comunidade do Poção, em uma ponte que ficava entre o rio e o chão de terra.

Fotografia 11 - Ação em Parceria com a Cruz Vermelha 1



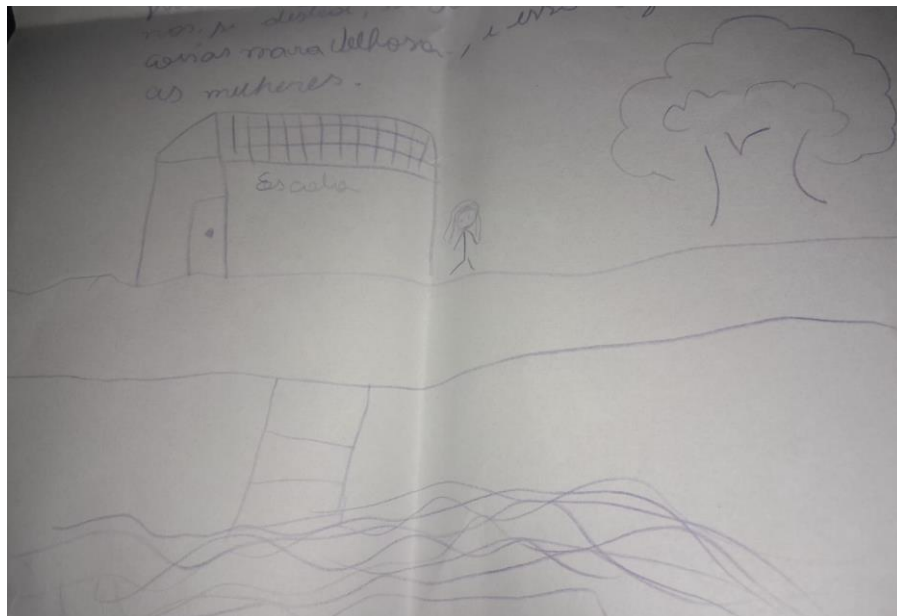
Fonte: Mendonça (2024).

Na fotografia 11 estão as voluntárias e os voluntários da Cruz Vermelha que participaram da ação. As/Os voluntárias/os eram de diversas áreas, a exemplo, estavam as áreas jurídicas, de enfermagem e nutrição. A ação ocorreu em um local que parecia ser um sítio presente na comunidade do Poção. A professora Izilda me informou que o dono do sítio cede o espaço para algumas ações sociais que ocorrem na comunidade.

Saénz e Rapacci (2013) destacam que nas organizações populares as mulheres buscavam explicações para as opressões que as afetavam, opressões estas que permanecem na contemporaneidade. A negação de direitos básicos é uma forma de opressão recorrente na comunidade do Poção. A educanda Flor de Liz destacou este relato sobre os desafios de ser uma moradora da comunidade do Poção.

Bom, aqui no Cotijuba tem várias coisas que acontece que nos fazes ficamos vulnerável como mulher. Aqui nós somos abandonadas por várias situação. Ex: pelo poder público e por outros órgãos. Mas depois que chegou o Pará Leitura para as mulheres, ficou muito legal, pois nós se distrai, si diverti, e aprende várias coisas maravilhosas, e isso ajuda muito as mulheres.

Fotografia 12 - Desenho educanda Flor de Liz



Fonte: Nunes (2024).

Na fotografia 12 encontra-se o desenho da educanda Flor de Liz. O registro estava abaixo do seu relato e é possível perceber que ela desenhou a E.E.E. F Anexo Pedra Branca, escola em que o Pará Leitura desenvolve suas atividades, sobretudo com as educandas do Egesex. A escola fica próxima de árvores, do rio e da areia. Para chegar até o Anexo, é necessário subir uma escada, isso demonstra que o desenho é referente a este espaço.

O abandono pelo poder público, como órgãos de saúde, educação, saneamento básico é uma problemática que gera muitos desafios na comunidade do Poção. Tendo em vista esta questão, o Pará Leitura busca amenizar esta opressão, por meio de parcerias e atividades que ajudem não só na reflexão crítica, na liberdade e no acesso

à educação da comunidade, mas o grupo também se preocupa com o bem-estar das/os educandas/os, visto que a partir do pensamento de Freire (2002), para ensinar é necessário querer bem às educandas e os educandos. Desse modo, a educação popular segue resistindo na comunidade do Poção de forma crítica, rigorosa, bonita e amorosa.

4.3 O Pará Leitura e os trilhares do acesso à educação na comunidade do Poção

Fotografia 13 - Nos trilhares da comunidade do Poção



Fonte: Nunes (2024).

Na fotografia 13 está o registro das trilhas que fazemos para ir para o espaço na comunidade do Poção em que as educadoras e os educadores pegam o barco para retornar para o trapiche de Icoaraci. Os caminhos são marcados pela natureza, assim como pelo ar puro.

Neste item será destacada a relevância social e educacional do grupo Pará Leitura, a partir de relatos de educandas do GT Egesex. O Grupo de Pesquisa e

Extensão atua na comunidade do Poção há 15 anos e vem proporcionando acesso à educação para as educandas e os educandos, assim como possibilidades de vivências com lazer e direitos sociais.

Ao longo da pesquisa de campo do dia 06 de abril de 2024, as educandas relataram a importância do grupo Pará Leitura em suas vidas, assim como expuseram momentos importantes de atividades para elas. No primeiro momento, as educadoras destacaram a importância do Pará Leitura para elas. Das 4 educadoras que estavam presentes, era a primeira vez de 3 delas. Desse modo, elas explicaram o quanto este primeiro momento na comunidade era importante para elas.

A estratégia de primeiro as educadoras falarem os seus relatos contribuiu muito para que as educandas se sentissem mais à vontade para falarem ao longo da atividade. Neste momento, reiteramos que as educandas poderiam falar sobre o grupo Pará Leitura, escrever ou desenhar, como elas se sentissem mais à vontade. Contudo, a maioria preferiu verbalizar sobre o grupo. Muitos relatos lindos e importantes surgiram, reiterando o quanto a resistência do Pará Leitura nos seus 15 anos foi e é fundamental para a comunidade do Poção. A educanda Rosa destacou:

O Pará Leitura para mim é educação e esperança. Educação porque eu aprendo muitas coisas com vocês e esperança, porque eu sei que vocês irão trazer muito mais.

Com base em Saénz e Rapacci (2013) a Rede de Educação Popular Entre Mulheres (Repem), que é uma referência em educação popular feminista na América Latina e no Caribe, foi criada para lutar pelos direitos das mulheres, sobretudo pelo direito à educação. O Pará Leitura vem lutando para garantir o acesso à educação para a comunidade do Poção, não só para as educandas do Egesex, mas também para todas as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosas/os da comunidade.

As educandas do Egesex destacaram o quanto o grupo é importante para trazer possibilidades de acesso ao aprendizado na comunidade do Poção. A educanda Sol destacou o quanto o Pará Leitura é importante para ela enquanto mãe, assim como para os seus filhos, uma vez que a partir de suas palavras, ela sai da rotina e enquanto ela está nas atividades do Egesex, as/os suas/seus filhas/os estão nas atividades dos outros GTs, como no GT LLL, tendo acesso a atividades de leitura, ludicidade e lazer.

Dentre os aprendizados proporcionados pelo Pará Leitura, está o acesso a conhecimentos, valorizando os saberes das educandas, uma vez que a partir do

pensamento de Carvalho e Eggert (2022) quando as mulheres são protagonistas da educação popular, os seus saberes e fazeres precisam ser valorizados, visto que dessa forma pensamentos críticos e emancipatórios estarão sendo exercitados.

Sendo assim, muitas moradoras da comunidade do Poção trabalham com artesanato. Desse modo, elas sempre pedem para as educadoras do Egesex proporcionarem possibilidades de atividades que possam potencializar os seus saberes acerca do artesanato.

As atividades realizadas com ênfase no artesanato, são organizadas com materiais recicláveis. Antes de cada atividade as educadoras do Egesex destacam a importância de reutilizar materiais como garrafas pets, tampinhas de garrafas, papelão, garrafas de vidro, dentre outros materiais, sobretudo porque a comunidade não possui coleta de resíduos sólidos. Todos os encontros são explicados a partir de artigos científicos, mas são adaptados para o contexto social, cultural e linguístico das educandas.

Fotografia 14 - Atividade com ênfase no artesanato



Fonte: Grupo Pará Leitura (2023).

Na fotografia 14 está o registro da educadora Luciana e das educandas produzindo artesanato com materiais recicláveis. A educadora Luciana está em pé e as educandas estão sentadas nas cadeiras.

Fotografia 15 - Produções educandas Egesex



Fonte: Grupo Pará Leitura (2023).

Na fotografia 15 está o registro dos artesanatos produzidos pelas educandas do Egesex e pela educadora Luciana com garrafas pets e garrafas de vidro.

Um outro assunto muito solicitado pelas educandas do Egesex, é em relação ao acesso a informações referentes a questões de saúde. Desse modo, no dia 25 de maio de 2024, o Pará Leitura convidou uma enfermeira para ir até a comunidade do Poção conversar com as mulheres acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), com ênfase na infecção sífilis. De acordo com o Boletim Epidemiológico Sífilis 2023⁴⁵, do Ministério da Saúde, de 2012 a 2022, foram notificados no país 1.237.027 casos de sífilis. Sendo esta, uma IST que está fortemente presente no Brasil.

Desse modo, o PL percebeu a importância de dialogar acerca deste assunto na comunidade do Poção, sobretudo porque a educação sexual ainda é um tabu muito grande na contemporaneidade. O tema gerador desta atividade era sobre o amor-próprio. As educadoras que participaram deste encontro foram: Monique, Caroline, Jaqueline e eu. Iniciamos o encontro relatando a importância do amor-próprio, do autocuidado, que envolve o cuidado com a saúde física e mental.

Estávamos um pouco receosas neste encontro, pois ficamos com medo das educandas ficarem envergonhadas em falar sobre o assunto. Contudo, para nossa surpresa, elas participaram bastante do diálogo. A enfermeira iniciou explicando sobre a sífilis, como ela se apresenta, quais os primeiros sintomas, como tratá-la em caso

⁴⁵ AGÊNCIA BRASIL, 2023. **Casos de sífilis e HIV/aids aumentam entre homens jovens**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-11/casos-de-sifilis-e-de-hiv-aids-aumentam-entre-homens-jovens#:~:text=Estat%C3%ADsticas%20de%20s%C3%ADfilis,2.153%20%C3%B3bitos%20por%20s%C3%ADfilis%20cong%C3%AAnita>. Acesso em: 01 agost. 2024.

de diagnóstico positivo, além de como preveni-la, dando ênfase na importância do uso de preservativos em todos os tipos de relações sexuais.

Após este momento, as educadoras relataram que as educandas poderiam sanar suas dúvidas sobre a sífilis, assim como acerca de outras ISTs e questões em relação a saúde da mulher. Destacamos que elas poderiam escrever suas dúvidas em um papel ou falar livremente. Por vergonha, muitas educandas preferiram escrever, mas um quantitativo significativo preferiu falar. Dúvidas sobre a sífilis, HIV, menopausa, período menstrual, assim como sobre o câncer de mama, foram muito presentes no diálogo.

Cordeiro *et al.* (2014) destacam que as práticas do eixo sexual do Egesex resultam em relatos pessoais, assim como explicações de conceitos e de tabus presentes nos cotidianos das educandas e das educadoras. Desse modo, percebe-se a importância da educação sexual na comunidade do Poção, sobretudo no Egesex. Após este encontro, ocorreu a ação da Cruz Vermelha na comunidade do Poção. Nesta ação, vi muitas educandas do Egesex realizando testes rápidos de ISTs, demonstrando a importância de diálogos acerca da educação sexual, com ênfase na saúde da mulher.

As atividades do Egesex possuem como protagonistas educadoras e educandas do Egesex, valorizando suas vozes e saberes, o contexto social e cultural ribeirinho amazônico paraense. Ademais, a metodologia e os princípios da educação popular feminista se fazem presentes no grupo, por meio do respeito aos saberes das educandas, a valorização das suas vozes, em relação ao que elas querem ver no GT, além da preocupação de todo o PL em sempre retornar para a comunidade, tentando superar as problemáticas encontradas em ações anteriores.

Outrossim, o Pará Leitura luta pelos direitos das mulheres da comunidade do Poção, sobretudo em relação a uma educação crítica e libertadora, assim como segue em busca ao acesso a direitos básicos para todas/os as/os moradoras/es do Poção. Sendo assim, pode-se perceber a importância social, política e educacional deste grupo, que vem resistindo na educação popular no campo há 15 anos.

5. É preciso ter consciência do inacabado: algumas considerações

Início tecendo algumas considerações acerca desta dissertação, retornando aos objetivos destes escritos, que consistem em analisar contribuições da educação popular na formação feminista de educadoras e educandas do grupo Pará Leitura (PL), assim como compreender o debate da educação popular feminista a partir de autoras da América Latina. Além disso, a pesquisa também buscou descrever as repercussões do trabalho do PL nas vidas das educadoras e das educandas, no sentido de construção de autonomia e afirmação do direito à educação.

As análises destes objetivos foram organizadas a partir da perspectiva epistemo-metodológica decolonial. Sendo ela de suma importância para romper com a homogeneidade do sistema moderno colonial, uma vez que as análises permitiram compreender o conceito da educação popular feminista, que é uma perspectiva que está em defesa dos direitos das mulheres de forma crítica e libertadora.

Ademais, a compreensão deste conceito me permitiu entender como o PL contribui na formação feminista de educandas e educadoras do grupo. Além disso, ao longo das análises, foi possível perceber os diversos desafios que perpassam as vidas das mulheres, com ênfase nas vidas das mulheres participantes do PL.

Como já destacado anteriormente, o Pará Leitura busca ferramentas para as suas educandas e para as suas educadoras perceberem as diversas opressões que estão presentes em seu cotidiano, para assim terem autonomia para se libertarem delas. Foi possível perceber que a fonte de autonomia se dá por meio do acesso à educação crítica, que o grupo vem trabalhando há 15 anos para manter na comunidade do poço, bem como para avançar com este acesso cada vez mais.

Outrossim, é importante reiterar que a educação popular feminista, assim como os escritos acerca do Pará Leitura foram sintetizados da seguinte forma:

O conceito da educação popular feminista foi tecido a partir de sua história na América Latina, com ênfase no Brasil e na Amazônia paraense, demonstrando que desde a década de 80 movimentos de educação popular feminista vem resistindo na América Latina. Ademais, no Brasil movimentos como o MST possuem trabalhos de resistência feminina desde 1981. Foi possível averiguar também, que na Amazônia paraense desde 2021 educadoras populares feministas vem se organizando e avançando com o debate da educação popular feminista, a partir do Encontro de Educação Popular Feminista na Amazônia.

Para além disso, o conceito da educação popular feminista foi destacado a partir da perspectiva teórica de autoras da América Latina, que com base em Torres (2021) a educação popular feminista possui os princípios da educação popular e é enriquecida a partir da perspectiva metodológica dos feminismos. Neste estudo, a educação popular feminista foi debatida a partir do feminismo decolonial.

Os escritos acerca do Pará Leitura foram organizados a partir da história do grupo, com ênfase no Egesex, bem como foram realizadas análises acerca das vozes das educandas, no que concerne o processo de libertação, a partir do desenvolvimento da autonomia, que é alcançada por intermédio das atividades do Egesex, assim como foi elucidado como ocorre o processo de acesso à educação nas vidas das educandas, uma vez que o Pará Leitura vem disponibilizando o acesso à este direito social na comunidade do Poção, de forma crítica e libertadora.

Desde 2013 o Egesex vem resistindo na educação popular no campo. O GT foi organizado a partir das demandas das mulheres da comunidade, elas solicitaram o grupo e pedem a permanência do GT com mais constância na comunidade do Poção, uma vez que a partir das vozes das educandas, o grupo disponibiliza educação, lazer e esperança para a comunidade.

Ademais, ao longo do estudo, foi possível perceber que o Egesex também desenvolve atividades críticas, a partir de temas geradores, respeitando os saberes das educandas e as inserindo no centro do processo de construção de conhecimento, gerando reflexões críticas acerca das opressões, que perpassam em suas vidas. Desse modo, o GT consegue alcançar a autonomia de suas educandas. Com isso, é possível perceber que os objetivos da presente investigação foram alcançados.

Outrossim, é importante reiterar que a educação popular feminista precisa seguir resistindo no grupo Pará Leitura, mais formações podem ser trabalhadas no Egesex, no LLL e no Eduamb, visto que esta perspectiva teórica e metodológica pode enriquecer todo o PL, assim como contribuirá no fortalecimento da libertação, bem como da autonomia de educandas e de educadoras do grupo.

Ademais, informações importantes foram levantadas pelas educandas ao longo da minha pesquisa de campo, como a questão do assédio sexual, assim como a sobrecarga de trabalho de mulheres. Com isso, o Egesex necessita trabalhar estes temas nas próximas atividades do GT. Além disso, o desenvolvimento de pesquisas no grupo precisa avançar de forma coletiva, sobretudo com ênfase nas contribuições do projeto para o debate político-epistêmico da educação popular feminista na

Amazônia. Outrossim, é importante reiterar que a coordenação geral vem trabalhando para fortalecer a pesquisa no grupo.

Além disso, este estudo foi fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa que está em desenvolvimento. A presente pesquisa possibilitou que eu conhecesse alguns movimentos e redes de educação popular feminista na América Latina. Desse modo, surgiram algumas inquietações em meus pensamentos acerca das ações de educação popular feminista em nosso continente como ferramenta de uma pedagogia decolonial. Sendo assim, esta pesquisa está sendo investigada, demonstrando que este estudo está inacabado. Com isso, pesquisas futuras surgirão por intermédio dele.

O Pará Leitura é fonte de esperança, de amor, de ludicidade, de criticidade e acima de tudo, fonte de uma educação crítica e libertadora na educação popular no campo. Ademais, o grupo está avançando com atividades na região metropolitana do Pará e tem potência para alcançar cada vez mais educandas/os e educadoras/es, que necessitam da presença da educação popular freireana e da educação popular feminista em suas vidas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Victória Santos de. **Associação de Mulheres Agricultoras (AMACAMPO):** Saberes e práticas que envolvem o ser mulher camponesa no MST, agroecologia e educação do campo. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.
- ALBUQUERQUE, Maria (Org.). **Saberes da Experiência, Saberes Escolares:** diálogos interculturais. Belém: EDUEPA, 2016.
- AMADOR, Shirley Cristina. **EDUCAÇÃO, RESISTÊNCIA E TRADIÇÃO ORAL:** uma forma outra de ensinar e aprender na comunidade quilombola Vila União/Campina, Salvaterra-PA. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.
- ARAÚJO, Leila. **A DANÇA COMO EXPRESSÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DA LIBERTAÇÃO DE CORPOS FEMININOS.** 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
- ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis: Vozes, 2012.
- BIASI, Ana Soraia. **Serviço Social, Educação Popular e Relações de Gênero:** um diálogo entre os três saberes na busca da emancipação. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades:** limites da democracia no Brasil. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. O Método Científico e Hierarquia Social dos Objetos. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org). **Escritos de Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 33-38.
- BUSKO, Paula. **O MOVIMENTO DO FEMINISMO AGROECOLÓGICO NO VALE DO RIBEIRA (SP):** contribuições para uma educação decolonial. 2022. Tese. (Doutorado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.
- BRANDÃO, Carlos; BORGES, Maristela. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Ed. Popular**, Urbelândia, v. 6, p. 51-62, jan./dez. 2007.
- CARVALHO, Íris; EGGERT, Edla. TEMPOS DE FOME. **Cadernos de Educação**, v. 66, 2022.
- CASTRO, AMANDA. **FIOS, TRAMAS, CORES, REPASSOS E INVENTABILIDADE:** a formação de tecelãs em Resende Costa, MG. 2015. Tese (Doutorado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.
- CASTRO, Susana. Feminismo decolonial: origem e ideias centrais. **Revista Cult Uol**, 2020. Disponível em: [Feminismo decolonial: origem e ideias centrais \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/cult/revista/2020/01/feminismo-decolonial-origem-e-ideias-centrais). Acesso em: 02 jan. 2022.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A Pesquisa Qualitativa:** Enfoques epistemológicos e metodológicos. 3º Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: Não silencie essa voz. **Portal Geledés**, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-ngozi-adichie-nao-silencie-essa-voz/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2 ed, 2018.

CORDEIRO, Izilda Nazaré et al. A educação sexual ribeirinha: prática crítico-filosófica freireana na comunidade do Poção na Ilha do Cotijuba-PA. **Palavrada**, p. 80-90, 2014.

CORNAGLIA, Graciela. **MULHERES QUE (DES)APRENDEM A SER MULHERES NA TRADIÇÃO CATÓLICA DESCONSTRUINDO MODELOS DE OPRESSÃO ATRAVÉS DA FORMAÇÃO DAS PROMOTORAS LEGAIS POPULARES**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

CRUZ, Maria Helena Santana. Empoderamento das mulheres. **Inclusão Social**, v. 11, n. 2, 2018.

DULCI, Tereza Maria Spyer; MALHEIROS, Mariana Rocha. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, p. 174-193, 2021.

FRANCO, Ronan Moura et al. Pesquisa socioantropológica: estratégia dialógica de construção do diagnóstico preliminar da realidade escolar. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e514974330-e514974330, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Ega, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Ana. (org.). **Pedagogia da Libertação em Paulo Freire**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GODINHO, Eliane. **O “ARTESANATO DE SI” DE MULHERES ASSENTADAS DO MST: um processo político pedagógico feminista pelo viés da educação popular**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução: CIPOLLA, Marcelo. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

HOLLANDA. Heloisa (org.). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HUFFNER, João Gabriel Pinheiro; MARTINS, Maria Terezinha Resende; BASTOS, Márcia Sueli Castelo Branco. A possível atuação do Ecomuseu da Amazônia no desenvolvimento

do turismo de base comunitária na Ilha de Cotijuba–PA. **Turismo-Visão e Ação**, v. 20, n. 2, p. 235-248, 2018.

JESUS, Carolina. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada/Carolina Maria de Jesus. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: .BAUER, Martin; GASKELL, George (edt.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução: GUARESCHI, Pedrinho. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. cap. 4, p. 90-113.

KOROL, Claudia. **Hacia una pedagogía feminista**. Buenos Aires: El Colectivo, América Libre, 2007.

LAVINAS, Lena; GENTIL, Denise L. Brasil anos 2000: a política social sob regência da financeirização. **Novos estudos CEBRAP**, v. 37, p. 191-211, 2018.

LEAL, Milene. **Trajatória Educativa Escolar**: memórias de idosos. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

LIMA, Adriane. Educação engajada: por uma escrita libertadora feminista. **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, 2020.

LIMA, Adriane (org.) **Caderno de Educação Popular Feminista**: círculo de saberes e aprendizagens. Guadalajara, México: CEEAL, 2021.

LIMA, Adriane; NERI, Isabel. Cartografia de Territórios, Sentimentos e Lutas Educativas Populares Feministas na América Latina. In: LIMA, Adriane (org.) **Caderno de Educação Popular Feminista**. Guadalajara, México: CEEAL, 2021.

LIMA, Aline da Costa Luz de. **Intersecção entre Feminismo e Educação Popular na Formação de Promotoras Legais Populares**. 2020. 187 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. 1^o ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MARTINS, Maíra Caroline. **EDUCAÇÃO INTERSECCIONAL**: práxis transformadora de educadores/as sociais no enfrentamento ao epistemicídio. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

MELO, Hildete Pereira. Invisibilidade do Trabalho Feminino: uma violência disfarçada - notas preliminares. **LEITURAS DE RESISTÊNCIA**, 2009.

MENDONÇA, Stéffani. **Ação em parceria com a Cruz Vermelha**. 2024. VII fotografia. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1bplCWdEw_89Vz0IWEGp2kMG_-HGO92F9/view?usp=drivesdk. Acesso em: 23 julh. 2024.

MENDONÇA, Stéffani. **Ação em parceria com a Cruz Vermelha 1**. 2024. VIII fotografia. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1bqPnlWm_8bO1R9wMFQmSC0aujJtRY0WI/view?usp=drivesdk. Acesso em: 23 julh. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria et al. **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002

MODEL, Eliandra. **A EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA AO ALCANCE DE TODAS? A INVISIBILIDADE DAS MULHERES EMPOBRECIDAS EM REVISTAS PRODUZIDAS POR INSTITUTOS FEDERAIS DO SUL DO BRASIL**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2021.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

MOTA NETO, João. Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina: Convergências entre a Educação Popular e a Investigação-Ação Participativa. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas (EPAA/AAPE)**, v. 26, n. 84, p. 1-18, jul. 2018.

MOTA NETO, João, LIMA, Adriane. Desafios da Pesquisa em Educação em Perspectiva Decolonial. In: LIMA, Adriane et al. **Pedagogias Decoloniais Amazônia: fundamentos, pesquisas e práticas**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.

NERI, Isabell Theresa. **Cartografia de saberes de mulheres ribeirinhas em uma classe hospitalar na Amazônia paraense**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de pós-graduação em educação)Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.

NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 22, n. 2, p. 185-191, 2012.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da. A construção de categorias de análise na pesquisa em educação. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; TEIXEIRA, Elizabeth (Orgs.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Epistemologia e Educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas**, Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, Maria Beatriz. **MULHERES, MEMÓRIAS E PRÁTICAS DE SAÚDE: educação popular em comunidades rurais do Norte de Minas Gerais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de antropologia**, p. 13-37, 1996.

PATTI, Isabel. **Além dos muros da escola: Um estudo sobre a educação popular e o projeto Promotoras Legais Populares de Campinas (SP)**. 2015. Dissertação (Mestrado

em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2015.

PEDRO, Joanne. **MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS NO TERRITÓRIO DE EMPODERAMENTO POPULAR**: uma experiência em processo/Caxias do Sul-RS. 2022. Tese (Doutorado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2022.

PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy (org.). **Educação Popular na América Latina**: diálogos e perspectivas. Brasília: Edição Eletrônica, 2006.

PULGA, Vanderléia. **Mulheres camponesas plantando saúde, semeando sonhos, tecendo redes de cuidado e de educação em defesa da vida**. Tese. (Doutorado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Quijano, Aníbal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

REIS, Toni; CAZAL, Simón (org). **Manual de Educação LGBTI+**. Curitiba: Enciclopédia LGBTI+, 2021.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial**: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.

SÁENZ, Imelda Arana; RAPACCI, María Lucía. La educación popular feminista una perspectiva que se consolida. **Educación, ciencia y tecnología**, 2013.

SANTOS, Raquel. **Promotoras Legais Populares**: avançando na luta pela igualdade de gênero e na compreensão da Educação de Jovens e Adultos. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SILVA, Aldir. **MULHERES VESTIDAS DE BARRO E OS SENTIDOS DA PRODUÇÃO DE MESTRAS ARTESÃS DA COMUNIDADE DO ALTO DO MOURA EM CARUARUA/PE**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2016.

SILVA, Alessandra Kely. **Brasil e o legado da década de 1980**: crise e orientação da política econômica. In: "CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA & 13ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS BRASIL E O LEGADO DA DÉCADA DE 1980: CRISE E ORIENTAÇÃO DA POLÍTICA ECONÔMICA, 12. 2017, Niterói. **Anais**. Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica.

Silva, André. A educação no campo no contexto da luta do movimento social: uma análise histórica das lutas, conquistas e resistências a partir do Movimento Nacional da Educação do Campo. **Revista brasileira de história da educação**, v.20, p. 112-120.

SILVA, Anne Patricia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, v. 43, n. 3, 2020.

SILVA, Carmem Silvia Maria da. Feminismoagora. **Autorreflexão e formação política. e-Curriculum**, p. 463-492, 2016.

SILVA, Márcia Alves. Pensamento decolonial feminista do Sul: uma experiência de educação popular a partir de narrativas de mulheres camponesas. **EccoS–Revista Científica**, n. 54, p. 17322, 2020.

SILVA, Márcio. **Pedagogia do Movimento Agroecológico**: fundamentos teórico-metodológicos. 2020. Tese (Doutorado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 2020.

SILVA, Mavi Consuelo. **A influência das questões de gênero nos processos avaliativos escolares**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde. Cuidados Éticos na Pesquisa. In: MARCONDES, Maria *et al.* (org.) **Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação**. Belém: EDUEPA, 2010.

TEIXEIRA, Hanna Tamires. **O OUTRO NA HISTÓRIA DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE**: denúncia de opressões e anúncio de alteridade (1995-2019). 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista brasileira de Ciência política**, n. 3, p. 133-160, 2010.

TORRES, Tita. RE-CREANDO LA EDUCACIÓN POPULAR FEMINISTA: La experiencia del curso realizado por la REPEM. **Revista: Trabajamos a favor de una educación digna, inclusiva y permanente para las mujeres y niñas de Latinoamérica y el Caribe**. Red de educación Popular entre Mujeres (REPEM), 2021.

VIEIRA, Flávia Braga. Via Campesina: um projeto contra-hegemônico. **Simpósio Lutas Sociais na América Latina. Anais... Londrina: Universidade Estadual de Londrina**, 2008.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WOOD JR, Thomaz. Analfabetismo funcional. **Revista Carta Capital**, v. 24, 2013.

Apêndices

Apêndice A

Tópicos das Entrevistas Narrativas

Educadora Gabriela Faval

1. História de vida no Egesex.
2. Base teórica e metodológica do grupo.

Educadoras Caroline e Monique

1. Desafios de ser uma educadora no Pará Leitura.
2. Aprendizados nas ações que você participou enquanto educadora e enquanto mulher que possa ter contribuído para o seu empoderamento e autonomia.

Apêndice B
Plano de Atividade Pesquisa de Campo

Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana, Gênero e Sexualidade
(Egesex)

Educadoras: Beatriz Siqueira; Caroline; Monique; Karoline

Faixa Etária: 14 a 53 anos.

Data: 06/04/2024

Tema: No remanso das águas da sua história

Objetivo Geral: Compreender as histórias de vidas das educandas do Egesex, com ênfase em suas histórias no grupo Pará Leitura;

Objetivo Específico 1: Identificar os desafios de ser uma mulher moradora da comunidade do poço;

Objetivo Específico 2: Analisar as histórias e participação das educandas no grupo Pará Leitura;

Objetivo Específico 3: Averiguar como o feminismo se apresenta ou já se apresentou nas práticas do Egesex a partir das memórias das educandas.

Desenvolvimento da Atividade: (09h às 11h10)

Primeiro Momento: Organização da roda de conversa (20 minutos);

Segundo Momento: Apresentação da pesquisa realizada pela educadora Beatriz e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (15 minutos);

Terceiro Momento: Apresentação das educadoras e das educandas – nome, idade e atividade que mais gosta de fazer (15 minutos);

Quarto Momento: Diálogo sobre as opressões que perpassam as vidas das mulheres, por conta do patriarcado. Posteriormente será realizada a dinâmica da caixinha de libertação da opressão. Nesta caixinha as educandas e as educadoras poderão pôr na caixa palavras, desenhos ou relatos que remetam os desafios de ser mulher, dando ênfase nos desafios de ser uma mulher moradora da comunidade do Poção (educandas). Quem se sentir à vontade para escrever, pode escrever e pôr o relato na caixa, quem desejar somente falar, pode ficar à vontade também, pois as educadoras poderão escrever o relato (30 minutos);

Quinto momento: Será realizado um diálogo explicando sobre a importância do grupo Pará Leitura na comunidade do Poção, com ênfase no Egesex. Em seguida ocorrerá uma atividade em que as educandas, e as educadoras poderão desenhar um momento marcante em suas histórias no grupo Pará Leitura, com ênfase no grupo Egesex. Após a produção dos desenhos, as educandas e as educadoras poderão destacar o que os seus desenhos representam (40 minutos).

Recursos: Caixa de papelão decorada, papel A4 branco, lápis de cor, lápis comum, borrachas e apontadores.

Referências

SILVA, Márcia Alves. Pensamento decolonial feminista do Sul: uma experiência de educação popular a partir de narrativas de mulheres camponesas. *EccoS–Revista Científica*, n. 54, p. 17322, 2020.

Apêndice C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Nos Trilhares das Águas da Educação Popular Feminista: uma ação educacional em Cotijuba, Belém (PA)

Pesquisadora responsável: Beatriz Siqueira Nunes

Orientador: Prof. Dr. João Colares da Mota Neto

Nome _____ da _____ participante _____ da _____ pesquisa:

RG ou CPF: _____

Telefone para Contato: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

A presente pesquisa “**Nos Trilhares das Águas da Educação Popular Feminista: uma ação educacional em Cotijuba, Belém (PA)**” faz parte do Programa de Pós-Graduação e Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA), é orientada pelo Prof. Dr. João Colares da Mota Neto e possui como objetivo geral analisar as contribuições da educação popular na formação feminista de educadoras, que residem no estado do Pará e de educandas moradoras da Comunidade do Poção, ilha de Cotijuba, Belém/Pará, participantes do Grupo Pará Leitura (UEPA). Você está sendo convidada para participar do estudo, por meio de uma entrevista.

Se caso você compreendeu todas as informações deste Termo e deseja fazer parte deste estudo, assine ao final do documento, sendo uma via sua e a outra via da

pesquisadora responsável pelo estudo. Em caso de dúvidas, pergunte para a pesquisadora Beatriz.

A sua participação neste estudo diz respeito à sua presença em uma entrevista online, sobre a perspectiva teórico-metodológica do Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana, Gênero e Sexualidade (Egesex), assim como sobre a importância do GT na sua vida enquanto mulher e educadora popular.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,

_____ declaro que tenho em mãos o presente termo, que me apresenta todas as informações sobre o presente estudo e tenho o total direito de não querer participar.

Assinatura da Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Apêndice D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
**No Remanso das Águas da Educação Popular Feminista: uma ação
educacional em Cotijuba, Belém (PA)**

Pesquisadora responsável: Beatriz Siqueira Nunes

Orientador: João Colares da Mota Neto

Nome da participante da
pesquisa:

RG ou CPF: _____ Telefone para Contato:

_____ Data de Nascimento:

/_____/

A presente pesquisa “**No Remanso das Águas da Educação Popular Feminista: uma ação educacional em Cotijuba, Belém (PA)**” faz parte do Programa de Pós-Graduação e Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA), é orientada pelo Prof. Dr. João Colares da Mota Neto e possui como objetivo geral analisar as contribuições da educação popular na formação feminista de educadoras, que residem no estado do Pará e de educandas moradoras da Comunidade do Poção, ilha de Cotijuba, Belém-Pará, participantes do Projeto Pará Leitura (UEPA). Você está sendo convidada para participar do estudo por meio de uma atividade pedagógica.

Se caso você compreendeu todas as informações deste Termo e deseja fazer parte deste estudo, assine ao final do documento, sendo uma via sua e a outra via da pesquisadora responsável pelo estudo. Em caso de dúvidas, pergunte para a pesquisadora Beatriz.

A sua participação neste estudo diz respeito à sua presença em uma roda de conversa, sobre os desafios de ser uma mulher moradora da comunidade do Poção

(educandas), assim como os desafios de ser uma mulher moradora de Belém (educadoras). Além disso, terá um momento no encontro em que você irá demonstrar a importância do projeto Pará Leitura em sua vida.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,

_____ declaro que tenho em mãos o presente termo, que me apresenta todas as informações sobre o presente estudo e tenho o total direito de não querer participar.

Assinatura da Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora Responsável



**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo66113-200
Belém-PA**

